

## 2

### A imigração peruana no Rio de Janeiro

Neste capítulo, os estudantes peruanos são apresentados, contextualizados na dinâmica da população peruana no Rio de Janeiro. Marcada por uma profunda heterogeneidade, esta população abarca peruanos com diferentes perfis, que chegaram na cidade com diferentes objetivos. Uma característica que predomina entre os peruanos que vivem no Rio de Janeiro é sua alta qualificação e o fato de uma parte significativa deles terem chegado à cidade primeiramente como estudantes universitários e quando formados, não regressaram para o Peru. Isso faz com que a população peruana no Rio de Janeiro apresente características muito diferentes de, por exemplo, a população peruana em São Paulo, cidade com maior presença de peruanos no Brasil. Assim como o Rio de Janeiro, São Paulo também recebe um importante fluxo de estudantes peruanos, mas também se destaca por receber peruanos que emigram por razões econômicas.

Os peruanos que chegaram ao Rio de Janeiro como estudantes chamam a atenção pelo papel que desempenham na construção de espaços de interação e convivência entre peruanos e latino-americanos, por sua ativa participação na sociedade civil peruana e no protagonismo que desempenham na disputa pela construção de uma imagem positiva do Peru e no Brasil. Longe de se fecharem nas salas de aula e laboratórios, muitos estudantes usam o lugar privilegiado que ocupam, como universitários, para consolidar sua presença na cidade.

O capítulo segue dando ênfase à trajetória percorrida pelos jovens peruanos até sua vinda para o Brasil. Discutiremos o caminho percorrido desde quando por eles desde quando souberam das oportunidades de estudo no Rio de Janeiro até ingressar em universidades brasileiras. Neste processo, as redes de relações e a ação dos indivíduos em busca de informações são os principais meios de viabilização do projeto de sair do país como estudante.

## 2.1

### Copa Peru-Rio: o futebol como metáfora das relações sociais

Na minha iniciação ao trabalho de campo, frequentar os diferentes eventos públicos organizados pelos peruanos foi crucial para conversar diretamente com eles e observar as formas de interação que eles estabeleciam entre si. Os eventos públicos se tornaram espaços ainda mais privilegiados para desenvolver o trabalho de campo quando os primeiros peruanos que conheci aproveitavam estes momentos para me apresentar os amigos que eles acreditavam que poderiam ajudar na minha pesquisa. E estes amigos me apresentavam para outros amigos e, num efeito *bola de neve*, fui aos poucos sendo inserida em diferentes redes de relações. Delas participam majoritariamente peruanos, mas também brasileiros-do Rio e de outras partes do Brasil- e também estrangeiros de outros países como Itália, Colômbia, Argentina, Chile e Irã.

Compartilhar com os peruanos o plano de escrever minha tese de doutorado sobre a imigração peruana no Rio de Janeiro despertou neles o desejo de contribuir com o trabalho, falando sobre suas vivências no exterior, explicando a história política e social do Peru, compartilhando receitas<sup>1</sup>, me ensinando a dançar e ainda, me apresentando a peruanos que eles consideram fundamentais para que eu aprendesse mais sobre o Peru e a presença de peruanos no Brasil.

Entre os eventos públicos que frequentei estiveram algumas partidas da Copa Peru Rio 2011 e 2012, campeonato de futebol que ocorre todos os anos, desde 2006, no Aterro do Flamengo. O campeonato se inicia sempre no mês de julho, quando no dia 28, o Peru celebra sua independência. Geralmente, a Copa Peru Rio termina na primeira quinzena de agosto. As partidas são disputadas aos domingos, a partir de 13h e se estendem até às 19h. A organização da Copa Peru Rio é uma iniciativa de um grupo de amigos peruanos que joga futebol no Aterro do Flamengo às quintas-feiras à noite, depois que saem do trabalho. Muitos deles trabalham no comércio ambulante e moram próximos uns dos outros, na Lapa, região do centro do Rio do Janeiro. A Copa Peru Rio, no entanto, não está restrita a este grupo de amigos e nem a peruanos. Dela participam diferentes equipes. No ano de 2011, 9 times competiram pela taça de campeão, uma delas formada por

---

<sup>1</sup> Sobre o papel da comida no processo de construção de relações de pertencimento e identidade ver capítulo 5.

equatorianos; em 2012, foram 8 as equipes que lutaram pelo título. Segundo o regulamento, todas as equipes poderiam ter de até 2 jogadores brasileiros.

A Copa Peru Rio atrai um público composto pelos jogadores, alguns amigos e suas companheiras. Enquanto os maridos e namorados se preparavam para entrar em quadra, elas conversavam entre si. No momento da partida, elas se concentram para torcer pela vitória do time de seus companheiros. Além do público envolvido com os jogadores, a Copa também é frequentada por peruano/as que não têm nenhum interesse direto no futebol. Uma tradição durante os domingos do campeonato é que senhoras peruanas com experiência em cozinhar vendam pratos tradicionais do país no entorno da quadra onde acontecem as partidas. Por isso, muitas pessoas vão para o campeonato apenas para comer. Para os peruanos, a comida se constitui um elemento central na sua noção de pertencimento, o que faz com que os eventos onde são servidos pratos peruanos sejam geralmente os mais amplamente frequentados (Daniel, 2012c). Assim, a Copa Peru Rio se tornou um importante ponto de encontro para os peruanos que vivem no Rio de Janeiro, deixando registrada sua presença no espaço da cidade.

Na primeira edição da Copa Peru Rio que assisti, em 2011, eu observei que as equipes estavam circunscritas a determinados grupos de afinidades. Meses antes do campeonato começar, conheci dois irmãos oriundos de Cusco vendendo bijuterias na passarela do shopping Nova América, em Del Castilho, Zona Norte. Sempre que eu passava pelo shopping, que fica próximo da minha casa, eu conversava um pouco com os dois. Numa das conversas, eles me contaram que moravam na Lapa e me convidaram para ir às partidas de futebol às quintas-feiras, no Aterro. Eu agradei o convite, mas nunca fui ao jogo deles. Na Copa Peru Rio 2011, eu os reencontrei. Eles compunham uma equipe com outros dois irmãos de Cusco que trabalham com confecção e venda de roupa. Os quatro comentaram que costumam trabalhar juntos, viajando por diferentes partes do Brasil vendendo seus artigos em feiras de exposição agropecuária. Os outros integrantes do time também eram de Cusco e trabalhavam como vendedores ambulantes.

Além de conhecer alguns integrantes desta equipe, eu já tinha amizade com alguns dos integrantes de um time formado por peruanos que chegaram no Rio como estudantes. Todos os jogadores deste time moram em áreas de classe média do Rio- Copacabana, Laranjeiras, Vila Isabel- e da região metropolitana- Niterói, e exercem atividades profissionais qualificadas como dentista, administrador,

publicitário, engenheiro. Grande parte chegou no Rio de Janeiro entre final dos anos 90 e início de 2000.

Estes dois times despertaram a minha atenção. Primeiro, porque eu conhecia os jogadores- e naquele momento fui apresentada a suas namoradas- dos dois times. Segundo, porque eles não se relacionavam entre si. Durante as partidas, os times se dividem pelo entorno da quadra em pequenos grupos que agregavam os próprios jogadores, as namoradas e esposas, os filhos e, às vezes, alguns amigos. Na final da Copa Peru Rio 2011, a equipe formada pelos cusquenhos se concentrou numa ponta da quadra. A equipe dos ex-estudantes, na outra. Como eu conhecia pessoas dos dois times e, as namoradas dos jogadores esperavam que eu fizesse companhia para elas, eu passei a tarde inteira me deslocando de uma ponta a outra da quadra, o que, no fim da tarde, me deixou exausta.

Num determinado momento, a namorada do Fernando, um dos jogadores cusquenhos, ficou sozinha. Ela reclamou que “sumi”: eu saí de perto dela e demorei a voltar. Incomodada pela cobrança e ansiosa para acompanhar o máximo possível tudo o que acontecia na tarde da final do campeonato, eu perguntei porque ela não se juntava às outras mulheres que também foram acompanhar seus namorados e maridos. Imediatamente Fernando respondeu que as mulheres dos jogadores dos diferentes times não se misturam. Assim como dentro de quadra o campeonato é regido por regras- a do futebol-, do lado de fora dela, há também um conjunto de códigos que organizam a dinâmica de interação dos grupos. Cada peruano que participa da Copa Peru Rio tem seu grupo e com suas namoradas e amigos, definem um local específico no entorno da quadra onde vão ficar esperando sua vez de jogar. O contato com outros grupos é mais ou menos esporádico e superficial. Fernando deixou claro para mim que fora da quadra também haviam regras a serem respeitadas. Tempo depois, a namorada de outro jogador do time de Fernando chegou e assim fez companhia para a namorada de Fernando, o que me permitiu circular sem que ela reclamasse minha presença<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Uma característica da dinâmica das relações tanto entre o time de Fernando como no time de ex-estudantes é que os homens conversam e interagem entre si, muitas vezes formando um círculo em que as namoradas e esposas não entram. A namorada de um ex-estudante reclamou que é “sempre assim”, apontando para o círculo que seu namorado formou com os amigos peruanos. No círculo, eles conversavam com muito entusiasmo, em espanhol. Esta dinâmica parece marcar o espaço do futebol como um espaço preferencialmente masculino, no qual a mulher deve ocupar um lugar de discrição.

Assim, participar do mesmo campeonato de futebol e dividir o espaço dentro de quadra não garantem, por si só, uma integração mais profunda entre os peruanos. Embora compartilhem do entusiasmo pelo futebol, eles formam equipes adversárias dentro das quadras. Fora delas, os competidores se reúnem em pequenos grupos de acordo com time em que jogam, que, por sua vez, simboliza o grupo de afinidade no qual eles estão inseridos. Dentro destes grupos menores, os peruanos se preparam para a partida, se concentram, conversam e comem juntos. Estes grupos não são completamente fechados: eventualmente, pessoas de diferentes grupos conversavam, mas, em seguida, voltavam para aquele com o qual tinha mais intimidade.

A Copa Peru Rio 2011 foi muito emblemática ao me dar as primeiras pistas que meses mais tarde me levariam à construção do objeto desta pesquisa. No primeiro momento, o que me saltou aos olhos na relação entre os times que disputavam o campeonato era a questão de classe. Desde meus primeiros contatos com peruanos, sempre ouvi deles que é muito comum que os peruanos não se relacionem com outros compatriotas por variados motivos, como a origem geográfica, étnica, ou o trabalho que desenvolvem. A distância entre o time dos vendedores ambulantes cusquenhos e o dos ex-estudantes universitários parecia comprovar tal diagnóstico. Esta observação me fez suspeitar que a relação entre os times de futebol e a classe dos participantes não deixam de entrar em cena em momentos lúdicos.

Na edição de 2012 da Copa Peru Rio, confirmei que a questão de classe não desaparece no contexto de imigração: ser um trabalhador ambulante ou um estudante de pós-graduação faz com que o indivíduo ingresse num time de trabalhadores ambulantes ou num de estudantes de pós-graduação. No entanto, a dinâmica de sociabilidade dos peruanos no Rio de Janeiro não se reduz à dimensão da classe. Um exemplo disso é que em 2011, 3 equipes que disputaram o campeonato eram formadas por estudantes e ex-estudantes: uma de estudantes do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF), outra de alunos da PUC-RJ e a terceira, que já mencionamos, de ex-estudantes universitários que chegaram no Rio de Janeiro no mesmo período- cujo nome é *Peruchos*. Das três equipes, eu conhecia jogadores das equipes PUC-RJ e dos *Peruchos* e percebi que entre eles não é estabelecido um contato mais íntimo, assim como não havia uma interação

mais profunda entre os últimos e o time de Fernando- que eu tinha percebido em 2011.

Antes do campeonato anual, grande parte dos times costuma se encontrar periodicamente para jogar futebol, como Fernando e seus amigos e os estudantes da PUC-RJ, que se encontram às segundas e quartas na quadra da universidade. Nestes encontros, os jogadores têm a oportunidade de construir e aprofundar os laços de afinidade. Destes jogos participam outros peruanos que circulam pela mesma rede de relacionamento. Isto significa que um estudante da PUC-RJ que quer jogar futebol provavelmente irá aos jogos organizados pelos estudantes da PUC-RJ, que acontecem no campus da universidade. Muito possivelmente, ele nem será informado das partidas que são organizadas pelos alunos do CBPF, pelos Peruchos ou pelos amigos do Fernando, por exemplo.

A Copa Peru Rio se mostrou para mim como uma metáfora das relações sociais entre os peruanos no Rio de Janeiro. A formação das equipes de futebol se estrutura nas redes de relações, que são estabelecidas através de múltiplos elementos: os lugares do Rio de Janeiro que frequentam, o motivo por que saíram do Peru e vieram para o Rio, o bairro onde moram hoje, o bairro ou cidade onde moravam no Peru, a principal atividade que exercem aqui, entre outros. Em outras palavras, a classe se constitui um elemento importante na constituição das equipes. Ela é vivida na trajetória e se manifesta na realidade de forma complexa, distinguindo os indivíduos na sua forma de vestir, falar, pensar, se comportar e compreender o mundo (Bourdieu, 2007), assim como sair do Peru e viver no Brasil.

Por isso, um estudante que estuda na PUC-RJ, mora na Gávea, tem como colegas de PUC-RJ outros peruanos que conheceu antes de vir para o Brasil dificilmente participará dos jogos de futebol às quintas-feiras à noite no Aterro do Flamengo organizados pelos peruanos vendedores ambulantes que moram na Lapa, ou os que acontecem na Urca, organizado pelos dos alunos do CBPF, mesmo sendo estes últimos estudantes de pós-graduação como ele. Quando perguntei se existia algum tipo de discriminação entre os peruanos que vivem no Rio de Janeiro, Renato me respondeu:

É qual é teu círculo .. Um estudante, por exemplo, ou alguém que trabalha, vai ficar com os peruanos que estão estudando ou trabalhando. E os artesões, porque há

muitos peruanos artesãos, que inclusive jogam futebol no Aterro- dificilmente vão frequentar os mesmos lugares, por exemplo, este festival gastronômico no Sheraton<sup>3</sup>, de comida peruana. Poucos peruanos vão lá para comer. Um artesão nunca vai lá ou ao Inti Wasi<sup>4</sup>... Eu não sei se seria discriminação: são círculos sociais, econômicos<sup>5</sup>.

A explicação de Renato sobre os círculos onde se inserem os peruanos no Rio de Janeiro complementa minhas reflexões sobre a Copa Peru Rio. Elas foram primordiais para que eu refinasse meu olhar e minha escuta sobre a complexidade das relações sociais construídas pelos peruanos com outros peruanos, brasileiros e estrangeiros de outras nacionalidades. Sayad (1998) nos alerta que é um equívoco imaginar que os imigrantes formam uma comunidade coesa e unitária. Esta ideia parte da representação que se faz dos imigrantes como unidos aprioristicamente como um grupo homogêneo. Esta representação se baseia no nosso desconhecimento sobre os imigrantes: “... a percepção ingênua e deveras etnocêntrica que se tem dos imigrantes como sendo todos semelhantes encontra-se no princípio dessa comunidade ilusória” (p. 85).

No caso dos peruanos, o mito de que no Brasil ou no Rio de Janeiro eles compõem uma comunidade homogênea ignora toda diversidade da sociedade peruana, suas contradições e sua complexidade. Um exemplo desta complexidade se manifesta nas diferenças que marcam os peruanos a partir de sua origem regional, baseada na divisão oficialmente do Peru entre costa, serra e selva, que será discutida no próximo capítulo. Ou ainda, as diferenças raciais, que distinguem índios, mestiços e brancos e estabelece uma hierarquia entre eles. Sem contar as diferenças de classe que marcam a população peruana no Peru e também no Rio de Janeiro. Por isso, nesse trabalho evito o uso de expressões como “comunidade peruana”<sup>6</sup> que, além de não ser uma maneira através da qual os peruanos se referem a si mesmos e aos conacionais que também vivem fora do

<sup>3</sup> Festival de comida latino-americana que aconteceu anualmente e que sempre tem um fim de semana exclusivo de comida peruana.

<sup>4</sup> Primeiro restaurante peruano no Rio de Janeiro, localizado no Flamengo.

<sup>5</sup> Es cual es tu círculo. Un estudiante, por ejemplo, o alguien que trabaja, va estar con peruanos que estan estudiando o trabajando. Y los artesanos- porque hay muchos peruanos artesanos que incluso juegan futbol en Aterro- dificil van a frecuentar los mismo lugares que, por ejemplo, este festival gastronomico en el Sheraton de la comida peruana. Pocos peruanos van a ir ahi a comer. Un artesano nunca va a ir ahi o al Inti wasi... No sé si seria discriminación: son círculos sociales, económicos.

<sup>6</sup> Alguns sujeitos da pesquisa usam a expressão “colônia peruana” para se referir ao conjunto de peruanos que vivem no Rio de Janeiro.

país- ou seja, essa não é uma categoria nativa-, ainda traz o risco de ignorar a profunda diversidade que caracteriza a população peruana no Rio de Janeiro.

Os estudantes também não conformam um grupo homogêneo. Entre eles há uma multiplicidade de condições sociais, origens regionais, classe, gênero. Precisamos ter em mente que os peruanos que hoje vivem no Rio de Janeiro não conformam um todo fechado, opaco, com fronteiras bem definidas entre “imigrantes”, “estudantes”, “peruanos” e “brasileiros”. Ao contrário: os peruanos no Rio, sejam eles imigrantes ou estudantes, participam de diferentes processos de interação, no qual encontram a oportunidade de (re)pensar o significado de ser peruano- no exterior e no Peru. Nessa dinâmica, há peruanos que preferem se relacionar apenas com peruanos; outros que privilegiam a convivência com brasileiros ou ainda aqueles que apreciam a chance que o Rio oferece de conviver com estrangeiros de muitos países.

Entre os estudantes, a diversidade também é imensa, por isso, imaginar que eles conformam um grupo uniforme é um total equívoco. Os estudantes percorrem diferentes trajetórias, elaboram diferentes projetos dentro de seu campo de possibilidades, influenciados por suas famílias, pela conjuntura política e social do Brasil e do Peru no momento que partiram, suas expectativas de futuro, as surpresas que encontraram nesse caminho. O que há de comum entre eles é o fato de lançarem mão da educação como recurso para sair do país, tendo a chance de viver uma experiência migratória.

## 2.2

### **A dinâmica das relações na imigração peruana**

Embora a imigração de peruanos não seja um fenômeno novo no Brasil, até hoje ela recebeu pouca atenção da academia e da mídia. Um esforço de preencher esta lacuna vem sendo realizado por pesquisadores vinculados a universidades da região da Amazônia brasileira, como Silva (2008; 2011a; 2011b), Rufino (2011; 2013) e Oliveira (2006; 2008a; 2008b), que reconhecem a vitalidade da dinâmica das migrações internacionais naquela região e a participação de peruanos nesse processo. Nas grandes cidades brasileiras, como São Paulo e Rio de Janeiro, a imigração peruana permanece pouco visível no

debate público ou, quando aparece, assume o lugar de coadjuvante diante da imigração de outros grupos de latino-americanos, como no caso de São Paulo em que há peruanos que trabalham com os bolivianos. Apesar disso, a imigração peruana tem apresentado um significativo aumento nas últimas décadas:

**Quadro 2- Número de peruanos residentes no Brasil**

Ano	Número de peruanos
1960	2.500
1990	5.831
2000	10.814

Fonte: CELADE (dados do Censo Demográfico do IBGE)

Como nota Dutra (2012), que analisa na sua tese de doutorado a imigração de empregadas domésticas peruanas para Brasília, os dados acima levam em consideração apenas os peruanos que estão no país de forma regular, que registram domicílio no Brasil e forma incluídos na amostragem definida para a pesquisa domiciliar do Censo do IBGE. Ou seja, estas cifras não incluem os peruanos que não possuem um visto que regularize sua presença no Brasil e mesmo se considerada a população estrangeira em situação regular, é muito provável que o Censo apresente um número subestimado. Entre os latino-americanos residentes no Brasil, os peruanos estão em sexto lugar, atrás dos paraguaios, argentinos, uruguaios, bolivianos e chilenos<sup>7</sup>.

No caso do Rio de Janeiro, a imigração peruana permanece invisibilizada. Ainda não existem pesquisas acadêmicas sobre o tema, apesar de existir peruanos que residem na cidade há mais 30 anos. Diante de tamanha escassez de dados e

<sup>7</sup> Número de latino-americanos residentes no Brasil por nacionalidade: 1) paraguaios : 28.822; 2) argentinos: 27.531; 3) uruguaios: 24.740; 4) bolivianos: 20.388 e 5) chilenos (17.131), segundo dados do Censo do IBGE disponibilizados pela CELADE (<http://www.eclac.cl/celade/migracion/imila/>. Acesso em 15 de abril de 2012)

referências bibliográficas sobre a imigração peruana no Rio de Janeiro, essa seção será baseada nos dados construídos a partir do trabalho de campo, tendo como principal fonte o relato dos sujeitos da pesquisa.

A vinda de peruanos para o Rio de Janeiro tem assumido ao longo das últimas décadas duas tendências: de um lado, a cidade recebe peruanos cujo principal objetivo é o trabalho- qualificado ou não-; de outro, ela recebe peruanos atraídos pelas oportunidades de estudo e pesquisa. A opção de vir para o Rio de Janeiro se diferencia do fluxo de peruanos para o Brasil, que tem como destinos principais a cidade de São Paulo ou as maiores cidades da região amazônica, como Manaus e Rio Branco ou cidades pequenas localizadas na área de fronteira, como Tabatinga, no Amazonas. A possibilidade de acesso ao Brasil foi recentemente facilitada com a inauguração em 2010 da rodovia Interoceânica, que liga o norte do Brasil com o litoral sul do Peru, o que pode estimular mais peruanos a vir para o Brasil.

Em São Paulo, há peruanos que se juntam a bolivianos no ramo da costura (Silva, 1997). Além da costura, os peruanos em São Paulo trabalham na venda ambulante de artigos variados como brincos, pulseiras, lenços, chapéus. No centro da cidade de São Paulo, a praça da República se constitui um local estratégico, escolhida por muitos peruanos se dedicam à venda ambulante e decidem morar próximo às zonas centrais da cidade. Nesta região, residem muitos daqueles que trabalham no seu entorno, conferindo à região uma dinâmica particular, com, por exemplo, restaurantes especializados em comida peruana.

Por outro lado, São Paulo também é o destino escolhido por peruanos ligados à produção artística. Como uma das principais metrópoles da América do Sul, São Paulo desperta a atenção pela sua grandiosidade e pela diversidade que abarca. A vida cultural de São Paulo, com seus diversos museus, casas de cultura, teatros e parques atraem artistas de outros países latino-americanos, entre eles peruanos, que anseiam desenvolver uma produção cultural. Estes foram os casos de Cristiana e Virgilio, que queriam estudar Teatro e Alejandro, Música, em São Paulo.

São Paulo ainda recebe estudantes peruanos, alunos de graduação e pós-graduação, com o objetivo de concluir sua formação no país. Silva (2003) observou que os peruanos compunham o grupo mais numeroso de hispano-americanos em cursos de pós-graduação da USP, somando 193 estudantes. Muitos

deles continuam no Brasil depois de concluírem seus cursos e aqui encontram um emprego, ingressam no matrimônio e têm filhos brasileiros. Eles primeiramente se integram à sociedade brasileira através da educação superior e, posteriormente, ingressam em postos qualificados no mercado de trabalho e no mercado matrimonial. Piedad, por exemplo, é engenheira química e há 13 anos veio para a USP cursar a pós-graduação. Apesar de ser casada com um peruano, ela decidiu continuar em São Paulo, pois conseguiu mais reconhecimento profissional no campo da pesquisa acadêmica do que teria no Peru. A imigração peruana em São Paulo é bastante diversificada, em termos de classe social, objetivos que motivaram a saída do Peru e a região de origem. Apesar de abrigar um número consideravelmente menor de peruanos- de acordo com o Consulado Geral do Peru no Rio de Janeiro, há cerca de 5.000 peruanos registrados nos estados de Rio de Janeiro e Espírito Santo-, a imigração peruana no Rio de Janeiro também tem como uma de suas principais características a heterogeneidade.

Ainda na década de 60, alguns peruanos vieram para a região metropolitana do Rio de Janeiro estudar ou trabalhar. Um exemplo desse primeiro movimento é Antonio. Em meados da década de 60, ele saiu do Peru para terminar sua graduação em Agronomia na UFRRJ. Ele pertencia a uma grande família, cuja esperança era formar alguns filhos para que eles pudessem encontrar logo um emprego para ajudá-la economicamente. No entanto, o plano familiar foi interceptado pelos movimentos políticos que comprometiam a formação dos estudantes universitários. Depois de passar por variadas universidades públicas sem conseguir concluir os estudos, Antonio foi incentivado pelo irmão mais velho a terminar os estudos no Brasil, na UFRRJ. Seu irmão do meio também foi aconselhado a vir, mas ao contrário de Antonio, não quis sair do Peru e não conseguiu terminar seus estudos universitários. Ele terminou sua graduação e optou por continuar no Brasil, onde se casou com uma brasileira e teve filhos. O peruano se lembra que havia muitos outros estudantes hispano-americanos na UFRRJ, inclusive peruanos, que continuaram a morar no Brasil depois de formados.

A imigração peruana ganhou certa visibilidade entre a população carioca a partir da presença dos trabalhadores ambulantes e dos músicos de instrumentos andinos no centro da cidade. Os músicos, principalmente, ocupam um lugar folclórico no imaginário carioca: muitos deles costumavam usar trajes que

remetiam a uma idealização do indígena, o que às vezes incluía vestimentas decoradas e adornos penas coloridas. O repertório apresentado era geralmente canções- brasileiras e estrangeiras- de grande sucesso no Brasil, como, por exemplo, a música trilha do filme *Titanic*. Os cariocas, de uma maneira geral, têm uma percepção negativa destes músicos e dos vendedores ambulantes, imaginando que eles e todos os demais peruanos são imigrantes ilegais e pouco escolarizados.

É muito comum que, quando digo, resumidamente que meu tema de pesquisa é *a imigração peruana no Rio de Janeiro*, as pessoas- acadêmicas ou não- me perguntem se eu trabalho com camelôs ou músicos de instrumentos andinos. Quando digo que meu foco é a experiência migratória de estudantes universitários, todos reagem com grande surpresa. Minha resposta contraria a imagem de “peruano” que se consolidou no imaginário carioca, como aquele que veste trajes típicos indígenas e toca instrumentos de sopro tradicionais da região dos Andes, como a zapoña<sup>8</sup>. Embora alguns peruanos sejam trabalhadores ambulantes ou músicos de instrumentos tradicionais, eles não representam a totalidade da presença peruana no Rio de Janeiro.

### 2.3

#### Os estudantes e a vida social peruana

Um dado interessante sobre o fluxo de peruanos para os Estados Unidos e a Espanha, destinos tradicionais de recepção de peruanos no hemisfério norte, e Argentina, principal receptor de peruanos no hemisfério sul, é que os primeiros peruanos que ali chegaram principalmente estudantes universitários dos níveis de graduação e pós-graduação (Altamirano, 2000a; Pærregaard, 2008). Outro fenômeno interessante, agora do lado brasileiro, é que o grupo latino-americano que mais imigra para o Brasil na atualidade, os bolivianos, começou sua vinda para o país também primeiramente como estudantes universitários nas décadas de 60 e 70, através de convênios universitários (Nóbrega, 2009).

Embora apareça no espaço público pela sua inserção no mercado de confecção de roupas, muitas vezes exercendo um trabalho em condições precárias,

---

<sup>8</sup> É interessante notar que atualmente o ramo está sendo ocupado por muitos imigrantes equatorianos.

a imigração boliviana tem como pioneiros os estudantes universitários. Muitos deles optaram por continuar no Brasil quando depois que terminaram seus cursos, se inserindo no mercado de trabalho brasileiro e muitas vezes casando e tendo filhos no Brasil. Não posso afirmar que a chegada de estudantes bolivianos no Brasil e de estudantes peruanos na Argentina, EUA e Espanha tenha influenciado diretamente a posterior imigração massiva de peruanos e bolivianos para estes países, afirmativa esta que escaparia do escopo do presente trabalho e exige uma pesquisa rigorosa. O que este dado nos revela é que o deslocamento de estudantes estrangeiros exige uma maior reflexão sobre seu significado no contexto de expansão da globalização e da intensa diversificação das maneiras de se locomover pelo mundo (Canclini, 2007).

Apesar dos estudantes universitários ter uma condição diferenciada dos imigrantes- com um visto temporário, inseridos no sistema de ensino superior brasileiro e tendo seu primeiro contato com a sociedade brasileira através das classes médias universitárias-, eles não dos imigrantes na vida cotidiana no Rio de Janeiro. Ambos, imigrantes e estudantes, se relacionam com o contexto social, político e econômico nacional e internacional para tomar a decisão de imigrar e para onde ir; precisam lidar com os estereótipos que o brasileiro tem do Peru no seu processo de adaptação à sociedade brasileira; se chocam com as diferenças culturais entre os dois países.

Entretanto, a relação entre estudantes, ex-estudantes, imigrantes qualificados e não-qualificados costuma ser pontual e esporádica, circunscrita a determinados grupos de afinidades que se encontram em locais e eventos que tem como principal público alvo os peruanos no Rio de Janeiro. Os principais eventos dos quais participam peruanos com um perfil mais diversificado são a já mencionada Copa Peru-Rio, a festa de celebração do *Dia de la Patria*- dia da independência do Peru, no dia 28 de julho- e a celebração do *Señor de los Milagros*, santo padroeiro do Peru.

Além desses três eventos que, por se vincular a símbolos nacionais, desempenham uma função de agregar peruanos de diferentes redes, outros eventos são organizados por peruanos que, nem sempre com a declarada pretensão de reivindicar símbolos pátrios, conseguem reuni-los em torno da música, da dança e da comida do país de origem que sentem falta. Para eles, a cidade carece de mais eventos e festas como no Peru, onde podem encontrar os amigos para ouvir e

dançar ritmos como a salsa, o merengue, a cumbia, o reggaeton. Na opinião dos peruanos, também falta ao Rio mais opções de lugares onde podem saborear comida peruana<sup>9</sup>, que, como veremos adiante, é o que eles mais sentem falta do seu país.

Para muitos estudantes e ex-estudantes, cultivar as formas de diversão e socialização que remetem ao Peru é uma maneira de lidar com a distância que o deslocamento impõe e a partir das referências peruanas, cultivarem um sentimento de pertencimento com outros peruanos no Rio de Janeiro - na construção cotidiana de uma comunidade imaginada (Anderson, 1989). Sair a noite para escutar e dançar as mesmas músicas que se costumavam ouvir e dançar no Peru representa um alívio para aqueles que sentem falta do país de origem. Isto não significa que os estudantes peruanos não se integrem à sociedade carioca e não desfrutem das formas cariocas de se divertir. Ir para um bar beber e conversar, sair para dançar samba ou forró é também apreciado por muitos. No entanto, eles também querem ter a possibilidade de se divertir como faziam no Peru.

Alguns peruanos que chegaram no Rio de Janeiro como estudantes participam ativamente na construção de um espaço público onde peruanos possam se reunir e cultivar hábitos em comum, reforçar uma procedência em comum que servem de base para a (re)construção de uma *peruanidad*<sup>10</sup> longe do Peru e ainda, divulgar o Peru para a sociedade receptora. A participação dos estudantes e ex-estudantes na construção de um espaço público se dá através de diferentes formas: dois grupos de música, dois grupos de dança, organizações de festas “latinas<sup>11</sup>”.

---

<sup>9</sup> No Rio de Janeiro, atualmente há três restaurantes peruanos: o mais antigo, aberto em meados de 2005, localizado no Flamengo; o segundo, aberto em 2011, localizado em Copacabana e o mais recente, aberto no final de 2012, em Botafogo. Este último é uma filial de um restaurante cuja sede fica em São Paulo.

<sup>10</sup> Ver capítulo 5.

<sup>11</sup> Assim são chamadas as festas que tocam ritmos como salsa, merengue e cumbia, ou seja, ritmos latino-americanos, e ritmos estrangeiros cantados em espanhol, como rock pop.

### 2.3.1 Grupos de música

No Rio de Janeiro, há dois grupos de música peruana que têm estudantes na sua composição: o grupo Negro Mendes e o grupo Kuntur. Iniciado em 2002, o *Negro Mendes* é um grupo profissional que se dedica a tocar música do litoral peruano, principalmente afroperuana e *criolla*. Composto por uma uruguaia, um brasileiro e três peruanos- um deles, ex-estudante-, o grupo se formou no Rio de Janeiro, com a proposta de fazer uma releitura destes ritmos, incluindo no repertório tanto peças tradicionais do cancionero peruano, como canções do artista afroperuano Nicomedes Santa Cruz e da expoente da música *criolla* Chabuca Granda. Uma particularidade do grupo é que, na releitura de que fazem da música peruana, eles misturam diferentes ritmos numa mesma canção, numa criativa fusão entre originalidade e tradição, incluindo composições próprias. Na sua comunidade na rede social *orkut*, o Grupo se apresenta:

É ainda desconhecida no Brasil a riqueza musical do litoral peruano; produto de uma síntese das tradições espanhola, andina e africana, que desde o século XVI misturaram suas raízes originando ritmos e estilos que hoje em dia estão ganhando reconhecimento internacional. Quem já assistiu ao espetáculo da banda Negro Mendes tem vibrado com a cadência contagiante do Festejo e se envolvido na atmosfera cativante do Landó; gêneros estes que sintetizam a tradição afro-peruana e que o grupo peruano-brasileiro vem divulgando no Rio de Janeiro desde 2003, havendo participado de importantes eventos culturais<sup>12</sup>.

O grupo Negro Mendes se formou a partir do encontro de dois de seus integrantes peruanos, que, por um acaso, descobriram que tocavam música afroperuana. Os três peruanos foram os primeiros a se reunir, tendo os três desenvolvido a habilidade de tocar música ainda no Peru. Quando moravam no país de origem, nenhum deles nunca tinha tido a experiência de tocar música peruana profissionalmente. A ideia de se juntar para tocar exclusivamente estilos musicais do litoral peruano surgiu no contexto migratório, numa descoberta inesperada de Ricardo Bartra e Edison Mego- que depois de terminar sua formação universitária no Rio de Janeiro, foi convidado para trabalhar no consulado peruano:

---

<sup>12</sup> <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=6771601&hl=pt-BR>

O grupo surgiu em 2002, quando eu fui fazer um trâmite no consulado peruano, e o Edison trabalhava lá. Perguntaram minha profissão e eu disse que era músico. O Edison contou que tocava *cajón*<sup>13</sup> e perguntou se eu tocava música peruana. Nós tínhamos um amigo em comum, o Zé Maria, então foi rápido, começamos a nos juntar para fazer música, naturalmente. Durante um ano foi um trio de peruanos: eu, Edison e Zé Maria – conta Ricardo Bartra<sup>14</sup>.

O quarto integrante do Grupo foi o brasileiro que se interessou pelo projeto desenvolvido pelo Negro Mendes. Quando perguntam a ele qual é sua ligação com o Peru, ele sempre responde que nasceu e cresceu na Rua República do Peru, no bairro de Copacabana. Já a integrante uruguaia ingressou no grupo anos mais tarde. Seu interesse em entrar no Grupo está ligado à admiração que tinha por ele e pelo fato das músicas afroperuanas ativar sua lembrança do *candombe*, ritmo afro-uruguaio.

Quando comecei a frequentar os eventos organizados por peruanos, o Grupo Negro Mendes estava realizando shows periódicos às quintas-feiras. Como em 2011 este era um dia que eu trabalhava, eu não podia ir aos shows. Mesmo antes de estar presente nos shows, eu busquei informações sobre o Grupo na internet: adicionei o perfil do Grupo ao meu no *facebook* e ouvi suas canções pelo *myspace*. Durante alguns meses, o Grupo Negro Mendes foi a única trilha sonora que eu escutava, não só porque eles tocam música peruana, mas, principalmente, porque eu gostei bastante do estilo, que me lembrava muito a *peña*<sup>15</sup> que conheci na minha segunda visita ao Peru, em junho de 2011. O Grupo Negro Mendes representava, então, a oportunidade que eu tinha para me aproximar de uma cultura peruana muito diferente dos estereótipos brasileiros- que imagina o Peru como exclusivamente indígena<sup>16</sup>- e que me remetia à experiência de Peru que eu vivi quando estive lá.

O Grupo Negro Mendes desempenha o notável papel de aproximar o público no Brasil da produção cultural do litoral peruano, principalmente das músicas *criolla* e afroperuana. E seu público é diversificado, incluindo peruanos,

<sup>13</sup> Instrumento de percussão que tem a forma de um retângulo, como uma caixa, feito de madeira.

<sup>14</sup> <http://www.anovademocracia.com.br/no-100/4401-negro-mendes-uma-viagem-a-africa-ao-peru-e-ao-brasil->. Dezembro de 2012.

<sup>15</sup> Locais onde se apresentam grupos de música afroperuana e criolla, são servidos pratos de comida criolla e às vezes também se apresentam concomitantemente grupos de dança. Os espaços das *peñas* são muito populares em Lima. Nas Fiestas Patrias de 2012, foi organizada uma festa no estilo das *peñas* peruanas.

<sup>16</sup> Ver debate sobre a formação social do Peru no capítulo 3.

brasileiros, latino-americanos- uruguaios, colombianos, argentinos, chilenos, mexicanos- e estrangeiros de outras nacionalidades, principalmente os que apreciam uma produção musical mais autoral e menos comercial.

Entre o público peruano que comparece aos shows, prevalece a presença daqueles que chegaram ao Rio de Janeiro como estudante. Alguns chegaram à cidade no mesmo período que os integrantes do Grupo e, assim, acompanharam seu processo de formação até seu momento atual. Outros ainda são estudantes e apreciam a oportunidade que o Grupo oferece de desfrutar de ritmos peruanos mesmo vivendo no Rio de Janeiro. Ambos costumam ir aos shows acompanhados por amigos- peruanos e de outras nacionalidades-, contribuindo para a divulgação da música do litoral peruano no Brasil. Para mim, frequentar os shows era uma ótima oportunidade para me divertir e também aprofundar o contato com os estudantes que vinha conhecendo.

O grupo *Kuntur* é formado por músicos amadores, todos eles estudantes de pós-graduação. A ideia de reunir músicos amadores para compartilhar e tocar música peruana teve seu início com a abertura de um grupo no *facebook*, em 2012. Denominado *Apasionados pela música*, o grupo na internet tinha como descrição:

Esta é uma tentativa de reunir todos os amantes da música peruana amadores ou profissionais, a fim de trocar ideias e experiências. O segundo objetivo é aumentar a nossa capacidade de organização para representar o Peru quando o Rio de Janeiro e o mundo queiram ver os peruanos em apresentações públicas. Este será também um espaço para músicos diferentes poder coordenar e se agrupar como julgarem conveniente<sup>17</sup>.

Da iniciativa via *facebook*, o grupo começou a tomar forma, realizando suas primeiras reuniões, com o objetivo de construir um repertório de canções peruanas que pudessem ser apresentadas em público. O grupo é composto predominantemente por estudantes da UFRJ. Os ensaios acontecem semanalmente na Ilha do Governador, bairro próximo ao campus do Fundão, onde a maioria estuda. Em outubro de 2012, o grupo fez uma de suas primeiras apresentações

---

<sup>17</sup> "Este es un intento de reunir a todos los aficionados o profesionales de la música peruana con el objetivo de intercambiar ideas y experiencias. El segundo objetivo es aumentar nuestra capacidad de organización para poder representar al Peru cuando Rio de Janeiro y el mundo quieran ver a los peruanos en presentaciones públicas. Este también será un espacio para que diferentes músicos puedan coordinar y agruparse según lo crean conveniente".

públicas, no Dia da Hispanidade<sup>18</sup>, na Casa de España, tocando ao vivo para o grupo Sayari de Danzas peruanas dançar. No evento, o grupo tocou uma *valicha*<sup>19</sup> - em espanhol e em quéchua- e uma *marinera*. Em novembro de 2012, alguns dos integrantes do grupo fizeram outra apresentação com o grupo Sayari: um número de *Valentina*<sup>20</sup>. Até muito recentemente, o grupo ainda não tinha um nome definido e costumávamos chamá-los de *Los Apasionados*, em referência ao grupo no *facebook*. Em 2013, eles apresentaram um espetáculo na festa pela Independência do Peru.

### 2.3.2 Grupos de dança

O grupo *Sayari Danzas Peruanas*<sup>21</sup> é um grupo amador de danças folclóricas formado em 2009, reunindo principalmente jovens universitários. O grupo surgiu do anseio de uma peruana de preparar uma bonita apresentação para o Dia da Hispanidade de 2009. Naquele ano, o Peru havia sido convidado para dançar no evento, mas não havia mais um grupo de dança organizado. Uma peruana soube disso e, preocupada com o desempenho que o Peru teria frente aos outros países e com a imagem de seu país que seria transmitida, ela resolveu encabeçar o movimento de formação de um grupo de dança.

Primeiramente, ela procurou o Consulado, que ajudou enviando um *email* para todos os peruanos registrados, informando sobre a iniciativa daquela que se tornou a diretora do grupo. A entrada de novos membros é constante, porém há uma exigência coletiva de que os participantes assumam as responsabilidades do grupo: frequentar os ensaios- toda quinta-feira, às 19h, no ginásio da PUC-RJ, treinar em casa os novos passos aprendidos, estar presente nas reuniões e nas apresentações públicas. Apesar da maioria de seus membros ser peruana, o grupo está aberto a qualquer interessado, sem nenhum tipo de restrição. Na sua

<sup>18</sup> Festa organizada pela Casa de Espanha do Rio de Janeiro, no mês de Outubro, que convida representantes das comunidades hispânicas no Rio de Janeiro para apresentarem danças folclóricas de seus países e oferecer a venda de comidas típicas.

<sup>19</sup>Canção do estilo *huayno* (ver glossário), que conta uma história de amor de um casal- um espanhol e uma índia.

<sup>20</sup>Tipo de festejo- estilo de música afroperuano- instrumental, muito vibrante, dançado exclusivamente por mulheres. A dança se desenrola como uma competição entre os músicos e as dançarinas, que tem que coordenar o movimento do corpo- principalmente quadris e ombros- ao ritmo da canção.

<sup>21</sup> <http://sayari-dancasperuanas.blogspot.com.br/>

formação, o *Sayari* sempre contou com a participação de estrangeiros- brasileiros ou não-, geralmente filhos/as de pais peruanos, amigo/a ou namorado/a de peruano/a<sup>22</sup>.

O grupo *Sayari* tem como objetivo apresentar danças folclóricas que caracterizem a diversidade cultural do Peru. Atualmente, o repertório do grupo inclui ritmos tradicionais do litoral peruano, como a *vals*, a *marinera*, o *festejo* e o *tondero*, e a *valicha*, canção originária da serra do país. Como danças folclóricas, as apresentações são realizadas em diferentes eventos, num ritual em que, enquanto o grupo dança há um público que assiste. Esta dinâmica é diferente de outras danças em que todos dançam ao mesmo tempo. No público do grupo *Sayari* estão incluídos peruanos, brasileiros e estrangeiros de outras nacionalidades, de acordo com o evento onde se apresenta. Anualmente, o grupo participa das celebrações das *Fiestas Patrias*, do *Sr. de los Milagros* e do Dia da Hispanidade. Além desses eventos, o grupo também já se apresentou nos campeonatos de futebol no Aterro do Flamengo, em mostras da cultura peruana, em escolas e universidades no Rio de Janeiro.

Uma especificidade do grupo é que por ser composto majoritariamente por estudantes de pós-graduação, o ritmo de encontros e ensaios varia de acordo com o ritmo das provas, exames, apresentação de trabalhos e participação em congressos. O momento mais crítico é quando os estudantes estão prestes a passar pelo exame de qualificação e pela defesa da tese/dissertação. Este é o momento em que o estudante se afasta do grupo para poder concretizar as demandas de seu programa de pós-graduação. Neste ano, dois integrantes do grupo deverão defender a tese de doutorado e ainda não sabem se continuarão no grupo- e no Brasil- depois de concluído o curso.

Além do grupo *Sayari*, no Rio de Janeiro há ainda o grupo de dança *Hijos del Sol*. Este é o grupo mais antigo na cidade, porém ele não mantém suas atividades continuamente. Ele também é composto majoritariamente por peruanos que chegaram ao Rio de Janeiro como estudantes. Quando ativo, o grupo ensaia no Consulado aos sábados a tarde. Antes de formar o *Sayari*, a peruana que se tornou diretora dele buscou informações sobre o *Hijos del Sol*, mas o grupo não estava ativo naquele período. Em 2011, alguns dos membros do *Sayari*

---

<sup>22</sup>Atualmente, além de duas brasileiros, o grupo tem uma integrante italiana.

começaram a participar também do *Hijos de Sol*, o que no início provocou um mal-estar entre as diretoras dos dois grupos. Em 2012, os grupos chegaram a pensar na possibilidade de se unir pelo objetivo em comum de representar o Peru no Rio de Janeiro. No entanto, dificuldades de entendimento sobre a questão fizeram com que eles continuassem separados.

### 2.3.3 Festas e eventos

A *Noches de Sol* é uma festa organizada pelo Dj *Rayado*<sup>23</sup>, peruano que há cerca de 8 anos começou a agrupar amigos ao som de ritmos latino-americanos. A iniciativa surgiu quando um grupo de amigos peruanos decidiu se reunir e pediu para *Rayado* se encarregar da trilha sonora. Os amigos gostaram da reunião e resolveram repetir outras vezes. Diante do sucesso que teve com os amigos, *Rayado* decidiu organizar festas abertas ao público. Quando eu comecei a frequentar a *Noches de Sol*- a primeira vez que eu fui foi em Agosto de 2011-, a festa acontecia quinzenalmente num local no final da rua do Ouvidor, no centro do Rio. Do início a meados de 2012, a festa passou a ocorrer num bar na Lapa- na rua Mem de Sá. Desde de meados de 2012, a festa já não tem um local fixo, mas tenta manter certa periodicidade e sua realização agora acontece em diferentes espaços do Centro e da Zona Sul carioca. Também no ano de 2012, a festa passou a contar com a organização do DVj *Ratón*, que é boliviano. No perfil do evento no *facebook*, a *Noches de Sol* é definida como:

Evento inspirado em nosso maravilhoso e harmonioso passado latino, com o intuito de transcender o espaço e o tempo. (...) Queremos que a nossa música seja uma sensação universal que conecte todos os seres, transpondo todas as barreiras. Valorizamos nossa cultura e nosso passado, que nos ensina o quão grandioso somos. *Noches de Sol* é referência em música latina no Rio de Janeiro, e é realizada semanalmente pelo DJ *Rayado* (Peru) e pelo DVJ *Ratón* (Bolívia). Nossa festa do Sol é cheia de calor, amor, alegria e muito reggaetón misturado com o reggae jamaicano, cúmbia, latin pop, merengue, salsa, bachata e os vários ritmos latinos atuais numa conexão de som e imagem da cultura latino-americana<sup>24</sup>.

Na lista de participantes da *Noches de Sol* estão peruanos, colombianos, venezuelanos, chilenos, argentinos, brasileiros e estrangeiros de outras

<sup>23</sup> Vive há 13 anos no Brasil, onde fez a graduação.

<sup>24</sup> <https://www.facebook.com/nochesdesol/info>

nacionalidades. Como uma festa pública e comercial, sua divulgação é ampla e o objetivo é que cada mais pessoas estejam presentes. Na sua realização, são tocados diversos estilos latino-americanos populares, como reggaeton, salsa, merengue, rock latino e bachata interpretados por cantores e bandas famosos de toda América Latina, como Shakira, Juan Luis Guerra, Marc Anthony e Luis Enrique. Enquanto soam as músicas, os participantes conversam com seus amigos, bebem drinks e, principalmente, dançam.

A proposta do Dj Rayado é consolidar um espaço de festa que se diferencie das opções de lazer oferecidas pelos DJs brasileiros, fazendo da sua origem peruana e dos ritmos latinos uma marca para se destacar no mercado do entretenimento no Rio de Janeiro. Antes da *Noches de Sol* se tornar mais frequente, os peruanos costumavam se encontrar para dançar salsa na Lapa, onde funcionava o *Punto Latino*, local onde tocava Cigano, um DJ mexicano muito popular entre os hispano-americanos. Este era o local onde os peruanos de diferentes classes sociais se reuniam para dançar salsa. Quando eu frequentava a Lapa, entre os anos de 2006 e 2007, sempre tive curiosidade de ir ao *Punto Latino*, mas meus amigos, todos brasileiros, nunca quiseram me acompanhar e eu nunca me animei para ir sozinha. Em 2011, quando comecei o trabalho de campo, decidi ir ao *Punto Latino*, mesmo que sozinha. Para minha surpresa, o local já não existia mais.

Quando comecei a frequentar a *Noches de Sol*, as festas costumavam a reunir majoritariamente amigos do DJ. Quando a festa se mudou para a Lapa, ela passou a ter uma visibilidade maior, atraindo um público muito mais diversificado: muitos brasileiros que não têm nenhuma conexão com o universo latino no Rio de Janeiro, turistas estrangeiros que frequentam a Lapa, alunos de escolas de dança de salão, etc. A festa continua atraindo um público eclético, mas ainda conta com a presença dos amigos do Dj Rayado. Por exemplo, um hábito comum entre os integrantes do *Sayari* é comemorar datas importantes, como aniversário, na *Noches de Sol*. Há um ano, além da *Noches de Sol*, há outra festa latina organizada por estudantes- de origem colombiana: a *Rumba Tipo-Colombia*.

#### 2.3.4

##### ***Consejo de Consulta***

O *Consejo de Consulta* foi criado em 2002 pelo Ministério das Relações Exteriores do Peru para funcionar como uma instância associativa e participativa dos peruanos no exterior, que permita estabelecer um diálogo entre a comunidade peruana e os escritórios consulares. Os representantes da comunidade que integram o *Consejo de Consulta* assumem a tarefa de transmitir aos representantes consulares as demandas da comunidade peruana, exercendo uma ponte entre o consulado e os peruanos no exterior.

O *Consejo de Consulta* e seus representantes não estão ligados ao Estado peruano ou ao consulado, mas sim à sociedade civil peruana no exterior, que através dele encontraria um espaço de participação na política consular que diz respeito à sua vida no exterior. Todos os membros do *consejo de consulta* chegam ao posto através de eleições abertas que acontece anualmente em cada seção consular. Podem votar e se candidatar todos os peruanos registrados no consulado.

No Brasil, em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, os *consejos de consulta* já tiveram gestões cujos membros são ou foram estudantes universitários. No caso do Rio de Janeiro, mais especificamente, todas as gestões desde que entrou em funcionamento, o *Consejo de Consulta* conta com a participação de estudantes, tanto como conselheiros quanto como apoiadores dos conselheiros em exercício. Na sua atual gestão, dos 3 conselheiros eleitos para ocupar o *Consejo de Consulta*, 2 são estudantes.

#### 2.3.5

##### ***Revista Virtual Nativos***

Tendo como idealizador o ex-estudante peruano Arnold Zárate, a revista começou a ser publicada em 2010, com o objetivo de criar um espaço de comunicação para comunidade peruana e latino-americana no Rio de Janeiro. As edições da revista são lançadas trimestralmente, abordando diferentes temas, principalmente aqueles relacionados com a produção cultural de peruanos e latino-americanos no Brasil e no mundo. A revista está aberta para receber artigos de interessados em temas latino-americanos, sobretudo aqueles pouco explorados

pela mídia brasileira. Em todas as edições da revista são publicados artigos de um convidado, geralmente um amigo do diretor da Revista; uma agenda cultural e anúncios de empresas parceiras, como cursos de espanhol e agências de viagens.

A revista tem ainda um público limitado, composto, sobretudo por pessoas- de origem peruana ou não- que conhecem pessoalmente o editor da revista. Ela ainda encontra dificuldades para alcançar um público que escape da rede de relações direta do editor e os artigos por ela publicados também não conseguem representar a comunidade peruana no Rio de Janeiro de uma forma mais ampla. Quando eu o conheci o editor da revista, em julho de 2011, ele me pediu para pensar num tema e escrever um artigo para a próxima edição, que sairia em setembro. No mesmo período que nos conhecemos, estava acontecendo a Copa Peru-Rio 2011, no Aterro do Flamengo. Por isso, eu propus a ele escrever um artigo sobre o campeonato e foi sobre ele que escrevi (*ver anexo 4*).

Estes exemplos nos mostram que os estudantes e ex-estudantes peruanos que vivem no Rio de Janeiro ocupam posições estratégicas dentro da comunidade peruana. Longe de se preocuparem apenas com sua formação, eles participam do processo de construção de redes entre peruanos- estudantes e não-estudantes-, brasileiros e outros estrangeiros no Rio de Janeiro e também entre peruanos no Peru. Eles aproximam o Brasil e o Peru, ao tornar sua experiência de sair de um país para outro conhecida a peruanos no Peru e brasileiros no Brasil e ao construir redes entre os dois países. Eles também participam ativamente no processo de construção de uma imagem do Peru no Brasil, nem sempre em total acordo entre si e outros peruanos.

## 2.4 Trajetórias e trânsitos: o perfil dos estudantes peruanos

### 2.4.1 Os estudantes de pós-graduação

Os estudantes de pós-graduação no Rio de Janeiro ingressaram em cursos de mestrado e realizaram a graduação no Peru. Entre as universidades de onde vêm, há predomínio das universidades públicas, que, no Peru, são denominadas como “*universidad nacional*”: de todos os mestrandos que entrevistei, apenas dois estudaram em universidades privadas. Todos os outros realizaram seus cursos em universidades públicas, como a *Universidad Nacional de Ingeniería* (UNI), *Universidad Nacional Mayor de San Marcos* (UNMSM) e *Universidad Nacional de Callao*, em Lima; a *Universidad Nacional de Trujillo*, em Trujillo; a *Universidad Nacional de San Agustín*, em Arequipa e a *Universidad Nacional San Antonio Abad de Cusco*, em Cusco.

Uma característica interessante das universidades públicas peruanas, que discutiremos mais detalhadamente no capítulo 3, é o fato delas atraírem estudantes das classes médias e baixas. Apesar das dificuldades econômicas e políticas que as universidades nacionais têm enfrentado, sobretudo após a emergência do movimento terrorista e a crise econômica da década de 80, elas ainda são reconhecidas pela qualidade de ensino e mantêm certo prestígio dentro e fora do Peru. No Rio de Janeiro, os estudantes oriundos das universidades nacionais apresentam um perfil diversificado, incluído aqueles pertencentes às classes médias, como, por exemplo, filhos de professores universitários e de profissionais liberais, como também da classe trabalhadora peruana cujos pais valorizam a educação como meio de ascensão social.

Quanto à área de conhecimento em que fazem o mestrado, há um predomínio de estudantes em campos relacionados às ciências naturais, exatas e tecnológicas. Entre elas estão as Engenharias- mecânica, elétrica, civil, de produção e ambiental; Física, Matemática, Ciências Biológicas e Informática. Ao longo do trabalho de campo, eu não conheci nenhum estudante de pós-graduação inserido em outras áreas além das mencionadas acima. No entanto, uma mestranda da UFRJ comentou que tem uma amiga peruana que terminou o

mestrado em Antropologia Social, também na UFRJ e outra mencionou ter uma amiga cursando o mestrado em Economia da PUC-RJ.

A PUC-RJ e a UFRJ são duas universidades que se destacam na recepção de peruanos estudantes de pós-graduação. No caso da PUC-RJ, apesar da universidade ser composta por cursos em diferentes áreas de conhecimento, são as diferentes especialidades da Engenharia que mais recebem peruanos, mas também há peruanos na Informática. Na UFRJ, no entanto, há maior diversidade com relação às especialidades que seguem os estudantes peruanos, incluindo áreas da Engenharia, Ciências Biológicas, Matemática e ainda, o caso que uma peruana comentou, de sua amiga que terminou o mestrado em Antropologia Social. Entre os sujeitos entrevistados, há também quem estude no Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF) e ainda, um peruano que fez mestrado em Administração na Fundação Getúlio Vargas (FGV).

A escolha do curso pelos alunos de pós-graduação é realizada de acordo com sua formação na graduação e/ ou sua experiência de trabalho. Os que não tinham uma experiência de trabalho prévia ao mestrado seguiram o mesmo campo de estudo no qual se formaram, como Sofia, Ricardo e Walter. Entre aqueles que estavam inseridos no mercado de trabalho peruano antes de entrar no mestrado no Brasil há casos de mudança de área de formação ou pesquisa. Neste caso estão Guadalupe e Augusto, que se formaram em Geologia no Peru, mas no Rio de Janeiro fazem mestrado em Engenharia Civil. Guadalupe fez tal escolha porque no Peru ela trabalhava na área de mineração e era impedida de fazer algumas tarefas por não ser engenheira. A decisão de fazer mestrado em Engenharia Civil é uma tentativa de ampliar seu raio atuação no campo de trabalho.

Todos os formados em Engenharia e em Geologia estavam inseridos no mercado de trabalho peruano antes de vir para o Brasil. A grande maioria deles veio para o Brasil com idade entre 25 e 32 anos<sup>25</sup>, com experiência de trabalho de 2 anos ou mais. A decisão de deixar o emprego para fazer o mestrado foi analisada tendo como referência as expectativas de retorno que um diploma de pós-graduação no exterior poderia trazer para eles no mercado de trabalho-peruano ou de outro lugar do mundo. Para muitos egressos dos cursos de

---

<sup>25</sup> Eu entrevistei uma peruana que veio realizar o mestrado no Rio de Janeiro aos 40 anos de idade. Solange reconhece que ela é uma exceção entre os estudantes. Ela observa que os orientadores brasileiros preferem receber alunos peruanos mais jovens, que eles imaginam que têm menos laços com o Peru e, por isso, mais chances de concluir o curso sem nenhuma interrupção.

Engenharia de universidades peruanas, desenvolver uma pesquisa de mestrado é a chance que encontram para fazer o trabalho de conclusão de curso para obter o título de engenheiro<sup>26</sup>. Os estudantes de pós-graduação que nunca trabalharam antes de vir para o Brasil optaram pelo mestrado por um dos três fatores- ou por combinação entre eles: o desejo de desenvolver um projeto de pesquisa; o anseio de conhecer outros países e a incerteza sobre o que fazer quando terminaram a graduação.

#### **2.4.2 Estudantes de graduação**

Entre os peruanos que vêm para o Rio de Janeiro cursar a graduação, alguns nunca tinham tido uma experiência prévia de universidade ou trabalho. Ao sair do ensino secundário, eles buscaram meios para cursar a graduação no exterior. Aqueles que tiveram uma experiência prévia de universidade, estudaram em universidades privadas. Na graduação, encontramos peruanos que ingressaram nos cursos de Administração, Arquitetura, Artes Cênicas, Agronomia, Comunicação Social, Direito, Economia, Informática, Engenharia e Música nas seguintes universidades: UFF, UFRJ, UFRRJ, UERJ, Universidade Gama Filho e UniRio. A maioria ingressou na universidade com idade entre 16 e 19 anos e não tinha uma ideia muito clara sobre qual curso fazer. A escolha do curso foi feita tendo como referência principal os pais, seja através da profissão que eles exercem, por sua sugestão ou por suas expectativas.

Enrique, por exemplo, reconhece a influência de seu pai na escolha do curso de graduação em Informática. Ele lembra que, quando criança, seu pai trabalhou em pesquisas com computadores quando ainda eram uma novidade, Ele era físico-matemático e trabalhava como professor universitário. Daniel teve a profissão da mãe e dos irmãos como referência do que não fazer. Ele queria seguir uma carreira que não reproduzisse o caminho já percorrido pela família- a mãe é contadora, o irmão, economista e a irmã pedagoga. Daniel entrou primeiro no

---

<sup>26</sup> O aluno egresso do curso de Engenharia das universidades peruanas recebem o título de bacharel em Engenharia. Como bacharel, ele pode trabalhar na área, mas para ter o título de engenheiro ele deve apresentar um trabalho de pesquisa, ao estilo de uma monografia de conclusão de curso. Muitos bacharéis em engenharia, logo que terminam a universidade, começam a trabalhar e não fazem o trabalho final para ter o título de engenheiro- tanto por falta de tempo, como por falta de recursos para fazer pesquisa no Peru.

curso de Ciências Contábeis e, depois trocou para Informática. Sua terceira e definitiva opção foi Administração. Luis Fernando se formou em Arquitetura, curso tradicional no Peru que os pais tinham sugerido, mas hoje trabalha como ator<sup>27</sup>.

Diferentemente de Enrique, Daniel e Luis Fernando, Virgilio, Cristiana e Alejandro escolheram o curso de graduação a partir da experiência de trabalho. Os três já trabalhavam com Teatro, no caso de Cristiana e Virgilio, e com Música, no caso de Alejandro, mas queriam também ter uma formação técnica e teórica no campo das artes, o que não existia no Peru naquele momento. Os três chegaram no Brasil com mais de 20 anos de idade, mais velhos que a média de idade entre os alunos de graduação. Antes de vir para o Brasil, Cristiana e Alejandro tentaram estudar Direito e Virgilio Ciência da Comunicação, mas perceberam que não eram essas as carreiras que desejavam seguir. A experiência laboral e universitária que tiveram no Peru deu a eles a certeza de qual curso queriam realmente fazer:

Eu tinha 23 anos. Eu era o mais velho, né, da turma. Todo mundo garoto, 17 anos.. E eu.. Mas, eu comecei a tocar aos 17 anos, lá no Peru. (...) Tinha curso como Harmonia Funcional que tive lá (na UFRJ), que para mim era como entender a Teoria do que você já fez. Eu lembro que era muito mais fácil (para mim) e para outros não. Outros tinham muita habilidade na hora de tocar, mas pouco entendimento na hora de ver, de analisar a coisa. Eu acho que isso era uma vantagem de quem faz uma faculdade depois de já ter prática. Alejandro.

... O teatro entrou meio assim forte quando eu tinha eu acho que 15 anos..., quando fiz um curso de teatro. Então, mas aí acabei por uma questão de panorama entrando na ciência da comunicação, mas não era algo muito forte. O teatro já tava aí... Fiz um ano da faculdade.. Na metade desse ano comecei a fazer teatro, entrei num grupo, começamos a montar peças... Peça vai, peça vem.. *“Ah não, gente.. É isso que eu quero fazer!”* Deixei a faculdade e comecei a fazer teatro, (...) comecei a me empolgar por esse mundo, conheci uns artistas muito legais lá.. Mas ao mesmo tempo também havia um quê que.. cheguei um ponto que estava estagnado... Virgilio.

Enquanto entre os estudantes de graduação há uma diversidade maior de áreas de conhecimento em que se inserem se comparado com os alunos de pós-graduação, eles apresentam um perfil socioeconômico mais similar, como oriundos das classes médias limenhas ou provincianas e a família trabalhando em profissões qualificadas: o pai de Luiz Fernando, por exemplo, é psicólogo e a mãe assistente social; os pais de Gladys são professores e os irmãos advogado e

---

<sup>27</sup> Ver detalhes no capítulo 5.

administrador; o pai de Lorenzo é contador e a mãe professora universitária; o pai de Rubén é advogado e a mãe professora; já o pai de Daniel era economista e a mãe, contadora. Dos estudantes de graduação entrevistados, apenas Virgílio não se insere nesse perfil: ele morava num bairro da periferia de Lima, sua mãe trabalhava como comerciante e o pai administrava um restaurante.

Se considerarmos a profissão dos pais como um dos fatores que influenciam o *habitus* e a posição de classe (Bourdieu, 2007) dos estudantes, os pós-graduandos apresentam um perfil mais diversificado que os alunos de graduação. Entre os primeiros, encontramos peruanos cujos pais trabalham em atividades que exigem qualificação de nível superior: professores universitários, como o pai de Sofia e Enrique; farmacêuticos, como o pai e a mãe de Tomás e Leyla; militar e assistente social, como o pai e a mãe de Augusto; outros têm pais que trabalhavam em atividades que não exigem escolaridade, como os pais de Guadalupe e Solange: seus respectivos pais trabalhavam como operários e as mães como donas de casa; o pai de Eduardo é agricultor e a mãe dona de casa. No caso de Néstor, seu pai trabalha numa profissão qualificada, enquanto sua mãe não: ele é engenheiro florestal e, portanto, concluiu o ensino superior e sua mãe é comerciante, tendo concluído apenas o ensino primário.

### **2.4.3 Formas de acesso às universidades brasileiras**

O peruano que deseja ingressar numa universidade brasileira encontra hoje duas alternativas: ele pode se candidatar a uma vaga no Programa Estudante Convênio nos níveis de graduação (PEC-G) ou pós-graduação (PEC-PG) ou ele pode se candidatar ao processo amplo de admissão que cada universidade realiza para selecionar seus novos alunos. Destinado a jovens de 18 a 25 anos de países em desenvolvimento que mantenham acordos com o Brasil, o PEC-G foi criado em 1965. O programa é administrado pelo Ministério da Educação (MEC) e pelo Ministério das Relações Exteriores (MRE) e tem como objetivo aprofundar os laços entre o Brasil e os países em desenvolvimento. Apesar de não mencionarem o nome do programa que permitiram sua vinda para o Brasil, todos os estudantes de graduação que entrevistei conseguiram a vaga na universidade brasileira através do PEC-G, com exceção de um caso.

Para se candidatar a uma vaga do PEC-G, o interessado deve ir à Embaixada do Brasil no Peru e apresentar os documentos exigidos. Depois de analisada a documentação, se o aluno for aprovado, ele indica o curso no qual gostaria ingressar e a Embaixada distribuiu os aprovados por diferentes universidades em todo território brasileiro de acordo com a disponibilidade de vagas. Quando Antonio participou do programa, em 1968, os alunos só sabiam para qual universidade seriam enviados depois de chegar no Brasil. Ele foi enviado para a Universidade Federal de Pelotas, apesar de já ter saído do Peru com o desejo de ir para a UFRRJ. Depois de alguns meses em Pelotas, ele solicitou sua transferência para a UFRRJ e conseguiu.

Todos os peruanos que vieram através do PEC-G e que participaram da pesquisa chegaram ao Brasil até início da década de 2000, com idade entre 16 anos e 23 anos. Luis Fernando foi o que chegou mais novo no Brasil, com 16 anos e Alejandro mais velho, com 23. Todos os estudantes de graduação ficaram sabendo da existência do PEC-G através de seus contatos pessoais- amigos e parentes que participaram do programa- ou através da visita que realizaram a embaixadas estrangeiras em busca de bolsa. No primeiro caso está Daniel, que tem dois irmãos que estudaram no Brasil através do PEC-G antes dele ou Rubén, que tem um tio que muitos anos antes dele vir para o Brasil participou do PEC-G e depois de formado continuou no país.

Já Enrique e Gladys, quando terminaram o ensino secundário, queriam muito ter uma experiência fora do Peru, por isso começaram a buscar por conta própria bolsas de estudos no exterior. E assim, na visita que fizeram à Embaixada do Brasil, foram informados sobre o PEC-G. Ao contrário dos outros alunos PEC-G que escolheram o Brasil por não ter conseguido bolsa para outros países, Alejandro e Virgilio, queriam vir para o Brasil. Depois que decidiram que queriam estudar aqui, os dois investiram energia no aprendizado de português no Centro de Estudos Brasileiros (CEB) onde, então, ficaram sabendo sobre as oportunidades de bolsa para o Brasil.

Entre os requisitos que o PEC-G exige está a garantia de que a família do aluno será capaz de arcar com suas despesas durante toda graduação. Como portador de visto de estudante, os aceitos nas universidades brasileiras não podem exercer nenhuma atividade remunerada oficialmente. Quando Luiz Fernando se inscreveu no PEC-G, ele se recorda que os pais deles tiveram que comprovar que

poderiam enviar para ele mensalmente certa quantia entre \$200 e \$400 dólares. Na época em que veio- 1996-, essa quantia era suficiente para arcar com os custos que tinha no Rio de Janeiro.

Mesmo com a exigência do programa de que a família se responsabilizasse pelo sustento do estudante, alguns vinham através do PEC-G mas não contavam com o respaldo da família para se manter, o que exigia deles encontrar meios para se sustentar sozinhos. Um desses casos eu escutei numa roda de conversa com peruanos. Um deles comentou que tem um amigo que veio estudar na UFF, mas não recebia nenhum apoio financeiro dos pais. Para se sustentar, o estudante trabalhava vendendo bijuterias nas praias do Rio de Janeiro. Cristiana também não contou com o apoio de sua família nos seus primeiros meses no Brasil. Para se sustentar, ela costumava dar aulas de espanhol.

Os alunos do PEC-G que chegaram até final dos anos 90 não tiveram como parte do processo seletivo a avaliação rigorosa de conhecimentos de língua portuguesa. Esta é uma das razões pelas quais muitos escolheram vir para o Brasil. Para concorrer a bolsas de outros países, por exemplo, os EUA, eles teriam que comprovar a proficiência em inglês. A grande maioria dos alunos PEC-G chegou ao Brasil sem conhecimento prévio do português. A partir dos anos 2000, passou a ser exigido dos candidatos aos PEC-G/PG conhecimentos prévios de português. Atualmente, todos os candidatos aos programas devem realizar o exame de proficiência em português, o Celpe-bras.

Para os alunos de pós-graduação, o governo brasileiro elaborou o Programa Estudante Convênio- Pós-graduação (PEC-PG), que foi criado nos anos 80, oferecendo bolsas de mestrado e doutorado para alunos dos 54 países em desenvolvimento que mantém acordos culturais ou educacionais com o Brasil. Na primeira década de 2000, foram oferecidas um total de 1600 vagas em cursos de pós-graduação brasileiros para alunos do PEC-PG. Até 2012, mais de 60000 alunos tinham participado do PEC-G. Da América Latina, os países na lista dos que mais tiveram alunos participantes do programa foram Paraguai, com 564 alunos; Equador, com 135 e Peru com 131. Já no PEC-PG, os latino- americanos continuam como os mais beneficiados: 75% dos participantes do convênio no período de 2001 a 2011 eram latino-americanos. Dentre eles, os países que mais enviaram alunos para as universidades brasileiras foram Colômbia (382 alunos), Peru (214) e Argentina (115) (MRE- Brasil, 2011).

Para solicitar uma bolsa do PEC-PG, o aspirante deve primeiro já ter sido pré-selecionado num programa de pós-graduação no Brasil, que escreverá uma carta informando à Embaixada do Brasil no Peru que, caso o interessado passe na seleção, ele terá sua vaga garantida. Assim, para participar do PEC-PG o futuro aluno já deve ter entrado em contato com o programa de pós-graduação para onde quer ir. Isto exige um planejamento anterior à sua inscrição no processo seletivo do programa. Se selecionado, o estudante ingressa na universidade e recebe uma bolsa, de mestrado (R\$1.500,00) ou de doutorado (R\$2.200,00), paga pelas agências brasileiras de fomento CAPES e CNPq.

Além do PEC-G e PEC-PG, os estudantes peruanos podem ingressar nas universidades brasileiras por conta própria, participando do processo seletivo que cada universidade oferece à comunidade. Entre os alunos de graduação que participaram da pesquisa, Renato é o único que ingressou na universidade via vestibular. Ele, que veio para o Brasil em 2006, recorreu ao vestibular depois de ter o pedido da bolsa PEC-G negado. Após cursar um ano de curso pré-vestibular, ele fez a prova de admissão e foi aprovado nos cursos de Ciências Sociais da UFRJ e Direito da UERJ. Ele optou pelo curso de Direito.

Entre os alunos de pós-graduação são mais recorrentes os casos de ingresso em programas de mestrado e doutorado por conta própria, principalmente em programas onde há uma presença consolidada de peruanos, como no CBPF e a PUC-RJ. O primeiro contato entre o candidato e o programa de pós-graduação brasileiro geralmente é estabelecido através de algum amigo, colega de trabalho ou professor que o candidato tenha conhecido no Peru e que deu a ele as primeiras informações.

A partir da primeira informação, o candidato começa a buscar mais detalhes que possam viabilizar seu ingresso num programa de pós-graduação no Brasil. O processo seletivo varia de acordo com cada programa. Em muitos deles, a internet é o principal meio para realizar a seleção de novos alunos estrangeiros, o que permite que qualquer estudante em qualquer mundo se candidate a uma vaga neste programa. Nas Engenharias da PUC-RJ, por exemplo, o processo seletivo é todo feito virtualmente, com o envio de documentos comprobatórios da graduação e o projeto de pesquisa por *email*. A resposta se o candidato está ou não aprovado é também enviada como mensagem eletrônica.

Já o CBPF aplica uma prova própria, que os alunos peruanos podem realizar em algumas universidades no Peru. Esta é a primeira etapa da seleção. Se aprovado, o aluno passa por uma entrevista via *skype*. O uso dos recursos da internet para realizar os processos de seleção de novos alunos é uma realidade em programas que desejam atrair estrangeiros. A chance que os candidatos à PUC-RJ e ao CBPF têm de realizar todo o processo seletivo no lugar onde moram é um incentivo extra para que pleiteiem uma vaga numa pós-graduação no Rio de Janeiro, dinâmica muito diferente daqueles que, como Guillermo, cursaram a pós-graduação no Brasil no início dos anos 90. Naquela época, o acesso à internet no Peru ainda não estava tão difundido e as informações sobre bolsas estavam concentradas em Lima. A expansão do acesso à internet e seu uso como instrumento oficial de seleção de novos alunos amplia as oportunidades de entrada de peruanos a determinados programas de pós-graduação.

Além de realizar a seleção de peruanos sem que eles tenham que vir ao Brasil, programas como o CBPF e as Engenharias da PUC-RJ não exigem dos candidatos estrangeiros prova de proficiência de português. Alguns alunos, quando chegam ao Brasil, se matriculam em cursos de português para aprender o idioma. Outros aprendem a língua na convivência com os brasileiros. Há ainda aqueles que não têm uma preocupação em aprender português além do necessário para situações pontuais da vida cotidiana no Brasil, como fazer compras, pedir informação sobre caminhos, pegar ônibus, etc.

Assim, entre todas as formas de acesso que os peruanos têm às universidades no Rio de Janeiro- como estudante de graduação pelo PEC-G, estudante de graduação por conta própria, estudante de pós-graduação pelo PEC-PG e estudante de pós-graduação por conta própria-, os estudantes de pós-graduação que entram nas universidades brasileiras por conta própria são os que encontram mais facilidades para participar do processo seletivo. Ao contrário dos participantes do PEC-G e PEC-PG, eles não precisam ir à Embaixada brasileira para se inscrever, comprovar proficiência em português, nem ainda esperar a resposta da Embaixada, que pode demorar muitos meses. Eles também não precisam vir ao Brasil realizar a prova de seleção, como acontece com os estudantes de graduação que ingressam nas universidades brasileiras por conta própria. Isto significa que os peruanos que ingressam por conta própria em programas de pós-graduação que já tem uma presença consolidada de estrangeiro

não precisa investir tantos recursos- dinheiro, tempo, energia- para se candidatar a uma vaga no Brasil como os outros estudantes.

## 2.5 Tecendo redes

No deslocamento do Peru para o Rio de Janeiro, os jovens peruanos são protagonistas desta mobilidade, mas não estão sozinhos em cena. Junto com eles também atuam seus familiares, namorada/o, amigos, colegas de universidade, empregadores e professores na construção de projetos que começam a ser gestado muito antes de chegarem no Brasil, que são constantemente reavaliados de acordo com as circunstâncias vividas no Brasil e no Peru. Esta perspectiva nos ajuda a reconhecer o lugar dos indivíduos nos processos de mobilidade através dos laços que eles constroem entre localidades muitas vezes desconhecidas entre seus conterrâneos.

### 2.5.1 O primeiro “empurrão”

Eduardo não tinha o interesse de sair do Peru. No final da sua graduação na *UNI*, ele recebeu um convite para fazer o mestrado na China, porém recusou. Ele queria adquirir experiência de trabalho, pois já estava cansado de estudar, e também não queria ir para tão longe. Depois de 2 anos trabalhando, Eduardo decidiu fazer mestrado no Brasil. Três amigos seus da *UNI* ingressaram na PUC-RJ e estimularam Eduardo a vir também. Dessa vez, o jovem gostou da ideia. Ele já tinha adquirido certa experiência de trabalho- já tinha descansado um pouco do ritmo das aulas e dos estudos. Além disso, ao contrário da China, o Brasil não era tão longe e ele já tinha amigos esperando por ele aqui. “*Vai ser igual a UNI!*”, concluiu. Animado com o apoio dos amigos, em 2007 Eduardo entrou no mestrado da PUC-RJ. Para ele, o estímulo que os amigos deram foi um dos principais motivos para aceitar a ideia de sair do Peru. Os amigos de Eduardo deram o primeiro “empurrão” para que ele vir.

No caso de Douglas, o primeiro “empurrão” foi dado por um ex-professor. Depois que se formou na UNI, ele enfrentou dificuldades para encontrar um emprego. Naquele período- final dos anos 90- as oportunidades de emprego eram

escassas e mal remuneradas. Ele passou um período desempregado- fazendo um bico na *lan house* que a família possuía-, até que foi contratado por uma empresa de distribuição elétrica, primeiramente como estagiário, e depois como funcionário efetivo. O emprego, entretanto, não lhe dava perspectiva de ascender na carreira. Um ex-professor com quem Douglas organizou um seminário internacional na época da graduação entrou em contato para sugerir que ele tentasse uma bolsa de mestrado no exterior. O professor explicou que ele poderia ir para os EUA se falasse inglês. Caso contrário, havia a opção de vir para o Brasil. Em princípio, Douglas duvidou se conseguiria passar no processo de seleção, mas mesmo assim tentou. Aprovado, em 2003 veio fazer seu mestrado em Engenharia Mecânica na PUC-RJ.

Ambos, Douglas e Eduardo são exemplos de jovens que tomaram a decisão de vir para o Brasil como estudantes a partir do contato que mantinham com amigos e professores da UNI mesmo depois de formados. Para os jovens, fazer mestrado era uma possibilidade de conhecer outras áreas de atuação da Engenharia, principalmente no campo da pesquisa acadêmica, e vislumbrar outros horizontes, diferentes daqueles que se descortinavam no Peru. Seus amigos e professores compõem, assim, a rede que tornou a mobilidade estudantil possível.

Não é apenas o fato de serem ex-alunos da UNI que estudaram na PUC-RJ que aproxima as trajetórias de Douglas, Eduardo e de muitos outros jovens peruanos no Rio de Janeiro. Os dois também têm em comum o fato de terem nascido em pequenas cidades no norte do Peru, terem migrado para Lima e pertencerem a famílias da classe trabalhadora. Para os dois e suas famílias, a universidade foi o caminho que encontraram para ascender socialmente. Nela, eles tiveram acesso a um capital social que permitiu que adquirissem qualificação profissional, e ainda construir uma rede- de amigos e ex-professores- que deu a eles um incentivo para ir estudar fora do país. Assim como Eduardo e Douglas, Jeremia também estudou na UNI, é oriundo de uma família da classe trabalhadora e por influências de amigos de graduação, decidiu fazer mestrado na PUC-RJ.

Além da rede de mobilidade estudantil consolidada entre os alunos peruanos da PUC-RJ e alunos egressos a UNI, outras redes de relações são acionadas e possibilitam a vinda de egressos de outras universidades peruanas para a PUC-RJ. Solange, por exemplo, também é de origem popular, mas não se formou na UNI. Sua ideia de vir para o Brasil surgiu quando um ex-colega de trabalho veio estudar

na PUC-RJ. Ele enviou um *email* comentando que ela poderia concorrer a uma bolsa para estudar com ele na mesma universidade. Solange, que sempre quis viver uma experiência internacional, mas por condições econômicas nunca pôde realizar seu desejo, aceitou a sugestão. Este mesmo colega que convidou Solange também convidou Agustín e Néstor.

Solange se surpreendeu quando encontrou tantos peruanos egressos da UNI na PUC-RJ. Ela, que se formou na UNMSM, reparou que são poucos os que também se formaram nesta universidade. Mas, ela não é a única estudante peruana na PUC-RJ que não veio da UNI: Néstor é formado pela Universidad Nacional del Centro del Peru, em Huancayo; Walter, pela Universidad Nacional San Agustín, em Arequipa, assim como Osvaldo e Gabriela; Victor estudou na Universidad Nacional de Trujillo.

Para Osvaldo, a ideia de estudar na PUC-RJ surgiu quando soube que o cunhado de uma amiga tinha estudado aqui. A amiga solicitou informações para o cunhado que repassou para Osvaldo. Gabriela, por outro lado, sempre quis sair do país, por isso, antes de terminar a graduação, ela e uma amiga começaram a pesquisar os países que ofereciam bolsa. E assim descobriram o Brasil. Além da PUC-RJ, Gabriela também foi aprovada no mestrado da UFMG, onde morava um amigo peruano, mas como a universidade não concedeu bolsa, ela preferiu ficar na PUC-RJ.

Além das redes construídas no Peru que levaram muitos peruanos para os programas de pós-graduação da PUC-RJ, algumas motivaram outros a ingressarem em universidades diferentes. Alejandro conta que quando era estudante da UFRJ conheceu muitos peruanos na Matemática. Eles relataram que havia um professor da instituição que costumava ir ao Peru dar palestras e aproveitava para convidar os melhores alunos peruanos para estudar na UFRJ. Alejandro explica que esse professor atuava como uma “caça talento”, trazendo para o Brasil apenas os melhores alunos. A ideia do professor era preencher as vagas de pós-graduação com estudantes peruanos que estivessem dispostos a fazer carreira no Brasil. Um jovem, recém-formado, solteiro- que não tivesse grandes laços no Peru e estivesse disposto a construir uma vida no Brasil- era, portanto, o perfil que o professor brasileiro buscava.

Virgilio e Alejandro estudaram português no Centro de Estudos Brasileiros (CEB) e foi lá que receberam informações sobre as bolsas do PEC-G. Antes de se

candidatar ao programa, Virgílio veio a São Paulo com o objetivo de prestar o vestibular da USP, mas o período das provas já estava encerrado. No CEB, ele comentou com os professores e secretárias da sua decepção por não ter nem podido tentar o vestibular. Eles o aconselharam a tentar o PEC-G. Assim ele fez e conseguiu ingressar na UniRio.

Apesar de participarem de um convênio entre que o Estado brasileiro mantém com o Estado peruano, grande parte dos que entram nas universidades brasileiras através do PEC-G e PEC-PG não ficaram sabendo do convênio através de instituições oficiais. A informação sobre como participar do programa foi conseguida principalmente com base na sua relação com amigos e parentes que já estudaram aqui ou por iniciativa própria, de ir direto à Embaixada brasileira buscar oportunidades de bolsa. Um estudante do PEC-G com quem conversei uma vez no *Bandeirão*<sup>28</sup> da PUC-RJ comentou que não há no Peru uma divulgação dessas bolsas. Por isso, elas ficam restritas a um determinado círculo de pessoas que já estudaram pelo PEC. No seu caso, ele só soube da bolsa porque tem uma tia que participou do programa há algumas décadas atrás e que hoje mora em Brasília.

### **2.5.2 Como fios que estruturam a rede**

Na análise da relação entre indivíduo e sociedade, Elias (1994) sugere que as teorias sociológicas que tomam indivíduo e sociedade como elementos antagônicos obscurecem a compreensão da realidade social. Além de tratarem o indivíduo e a sociedade como isolados e estáticos (Elias, 2011, p. 128), elas desconsideram que a mudança é um elemento constitutivo dos indivíduos em sociedade e, por isso, nenhum dos dois são algo substantivo e pronto. Ao mesmo tempo que o indivíduo vai se (trans)formando como tal na convivência em sociedade, esta, por sua vez, só existe por meio da interação dos indivíduos. Para Elias, a relação entre indivíduo e sociedade pode ser entendida como a metáfora dos fios numa rede. Sozinhos, isolados e fora da rede, os fios são de determinada forma. Entrelaçados, eles vão se transformando, deixando de ser fios isolados para

---

<sup>28</sup> Apelido dado ao refeitório universitário.

tornar-se parte indispensável da rede. Ela, por sua vez, não existe enquanto os fios não se conectam no entrelaçado.

A metáfora de Elias sobre a relação indivíduo-sociedade como uma rede composta por fios entrelaçados é pertinente na reflexão sobre a relação entre os estudantes e a reprodução da mobilidade estudantil de peruanos no Rio de Janeiro. Os casos acima nos mostram que a decisão de vir para o Brasil como estudantes está relacionada às redes que eles integram quando ainda estão no Peru. Através delas, os peruanos têm acesso às primeiras informações que despertaram seu interesse em estudar no Rio de Janeiro, que servirão como "molas propulsoras" da tomada de decisão. Isto significa que a mobilidade de estudantes do Peru para o Brasil se desenrola num processo de formação de *cadeias migratórias*. A *cadeia migratória* entende o indivíduo como capaz de mobilizar estrategicamente seus vínculos sociais para viabilizar a imigração. Através dos vínculos, ele busca informação que o ajude a encontrar um posto no mercado de trabalho no exterior, uma moradia, recursos para financiar sua viagem, etc<sup>29</sup>, ampliando as chances de transformar-se de um imigrante em potencial num imigrante de fato:

... cadeia migratória refere-se à transferência de informações e materiais de apoio que familiares, amigos ou conterrâneos oferecem aos potenciais migrantes para decidir, ou, eventualmente, realizar a sua viagem (Pedone, 2006).

A noção de *cadeia migratória* contribui na compreensão dos indivíduos como agentes que mobilizam seus recursos relacionais para empreender o deslocamento. Esta noção foi desenvolvida para analisar as diferentes estratégias que os imigrantes lançam mão para sair do seu país e se inserir social e economicamente no país de destino. Esta perspectiva analisa a imigração na sua dimensão micro e macro, reconhecendo que os elementos estruturais que levam à imigração são vividos e interpretados de maneira particular pelos indivíduos, de acordo com o conjunto de relações no qual estão inseridos (Ramella, 1995). É a partir de suas relações microssociais que os indivíduos encontram os meios para se posicionar diante da macroestrutura. Nas *cadeias migratórias* são compartilhadas informações e diversas formas de auxílio que potencializam a

---

<sup>29</sup> *cadena migratoria* se refiere a la transferencia de información y apoyos materiales que familiares, amigos o paisanos ofrecen a los potenciales migrantes para decidir, o eventualmente, concretar su viaje (Pedone, 2006).

migração dos indivíduos, o que significa que as oportunidades de imigrar estão socialmente delimitadas pela rede de relações que cada aspirante a imigrante dispõe.

Enquanto a noção de cadeia migratória se tornou um importante instrumento de análise dos fluxos migratórios, ela também traz importantes elementos para analisar outras formas de mobilidades, como a vivida pelas estudantes peruanos. Assim como para os imigrantes, o processo de decisão dos estudantes de sair do país não acontece num vazio, de maneira aleatória, mas de acordo com os recursos- materiais e relacionais- que possuem para se inserir no campo das mobilidades. Os estudantes também avaliam as oportunidades que têm no país de origem, as que acreditam que terão no exterior e buscam maneiras de empreender o deslocamento. Para os estudantes, contudo, sair do país é uma opção- entre outras- que eles escolhem de acordo com seu campo de possibilidades.

Além de usar seus recursos relacionais para viabilizar sua vinda para o Brasil como estudantes, os sujeitos da pesquisa também participam ativamente na consolidação de uma cadeia migratória de peruanos que chegam no Rio de Janeiro como estudantes. Eduardo, Douglas e Jeremia tiveram o Brasil inserido no seu campo de possibilidades através do apoio de amigos e professores. Agora, eles também assumem um lugar importante no contínuo processo de tecer redes entre Brasil e Peru, convidando outros peruanos para também fazer mestrado aqui. Em 2011, Eduardo recebeu seu irmão, que veio cursar o mestrado na PUC-RJ; em 2008, um primo de Douglas também ingressou o mestrado na instituição; já Jeremia está buscando meios para viabilizar a vinda do seu irmão para que ele termine a graduação no Brasil. Ele também pensa em incentivar a irmã a vir fazer mestrado aqui. Outro exemplo é o de Enrique, que veio para o Brasil como estudante de graduação em 1996 e em 2011 trouxe a irmã para fazer a graduação.

Apesar de não existir nenhum convênio formal entre as duas instituições, o fluxo de alunos egressos da UNI para a PUC-RJ é intenso e contínuo, se reproduzindo com a constante chegada de novos alunos peruanos. Douglas lembra que quando chegou, em 2003, havia poucos peruanos na PUC-RJ. Ao longo dos anos ele percebeu que o número de peruanos na universidade foi aumentando. Ele considera que o auge da chegada de peruanos na PUC-RJ esteve nos anos de 2004 e 2005. Como mostrei no subitem anterior, o fluxo de estudantes peruanos para a PUC-RJ não se restringe aos egressos da UNI. Nesse processo de diversificação

do perfil dos alunos peruanos na PUC-RJ, o colega de Solange é um exemplo de um agente que exerce um importante papel na (re)produção de uma cadeia migratória entre seus ex-colegas de trabalho que não estudaram na UNI.

Assim como a PUC-RJ, o CBPF também recebe um significativo fluxo de estudantes peruanos. Sofia e Ricardo eram da mesma turma no Peru e ambos tinham o desejo de sair do Peru. Na universidade onde estudaram havia muitos estudantes que vinham fazer pós-graduação no Brasil e voltavam lá dando palestras e apresentando os resultados de suas pesquisas. Interessados no trabalho realizado pelos peruanos no CBPF, Ricardo e Sofia decidiram vir para o Brasil. Ricardo veio para o Brasil um ano antes de Sofia. Quando ela chegou, o amigo ofereceu auxílio, principalmente nos seus primeiros meses. Além de Ricardo, Sofia já conhecia outros peruanos também egressos da Universidad Nacional de Trujillo, onde fez a graduação, que estavam no CBPF. Alguns deles ajudaram Ricardo e ela a se adaptarem à vida fora do Peru.

Enquanto Ricardo, Eduardo, Douglas, Enrique e o colega de Solange contribuíram direta- e deliberadamente- para que outros peruanos também se tornassem estudantes no Rio de Janeiro, se tornando fios na rede de mobilidade estudantil, outros influenciaram a vinda de outros estudantes de maneira indireta, como Alejandro. Quando ele decidiu que queria estudar Música no Brasil, ele se matriculou no curso de Português do Centro de Estudos Brasileiros (CEB). No curso, os professores comentaram sobre o PEC, mas o programa não oferecia vagas para a graduação em Música. Alejandro foi aconselhado pelos funcionários do CEB a ir à universidade onde ele queria estudar no Brasil e solicitar cartas que mostrassem o interesse da instituição em abrir vagas para o PEC-G e encaminhar essas cartas para Brasília. Em 1992, Alejandro fez isso:

Alejandro: ...o vestibular seria o caminho mais longo. Eu fui aconselhado a fazer desse jeito... eu estudei no CEB, lá no Peru... E como tocava violão, eu virei uma pessoa popular lá, porque organizei o coral do CEB.. Aí quando tava querendo vir praqui, a diretora do CEB (...) me falou: “no melhor, tenta fazer como um convênio, mandar uma carta pra Brasília, pra ver se faz a ligação”. Aí, consegui.

Camila: Então foi você que fez o convênio na Música?

Alejandro: Pois é.. nessa época, mandaram umas vagas pro Peru... E ficaram mandando depois durante um tempo.

Alejandro se tornou o primeiro "fio" da rede que possibilitou a ida de estudantes peruanos para os cursos de Música no Brasil. A partir do conselho que recebeu da diretora do CEB e imbuído do profundo desejo de estudar aqui, assumiu um lugar de protagonista na mediação do programa PEC-G com os cursos de graduação em Música. No ano em que veio estudar, em 1993, além da sua vaga na UFRJ, foram oferecidas vagas para a UnB e a USP. Com sua iniciativa, Alejandro conseguiu não apenas solucionar seu problema, mas ainda possibilitou que o convênio fosse estendido para mais um campo de conhecimento. Este é um caso em que, inesperadamente, o próprio estudante, através de sua rede, se tornou uma peça fundamental na reprodução da mobilidade de estudantes peruanos para o Brasil, influenciando inclusive a dimensão oficial do programa PEC.

### **2.5.3 A fragilidade das redes**

Se por um lado, os próprios estudantes se tornam peças importantes na engrenagem que dá vida à mobilidade de estudantes do Peru para o Brasil, estas cadeias migratórias sofrem de uma severa instabilidade quando se apoiam somente em alguns poucos indivíduos. A frágil institucionalidade da relação entre os cursos de Música e o programa PEC-G fizeram com que, anos depois de Alejandro chegar ao Brasil, não fossem mais abertas vagas para o curso. Ele conta que algum tempo após sua vinda, veio um peruano estudar Música no Brasil. Porém, o rapaz não era músico, não sabia sequer tocar um instrumento. No Brasil, os candidatos à graduação de Música, além do vestibular, precisam fazer um teste que comprove sua habilidade na área. Porém, no Peru, os alunos contemplados pelo PEC-G não passavam por nenhuma prova específica de conhecimentos musicais. Por isso, esse rapaz conseguiu entrar no curso de Música, mas logo desistiu do curso. Depois dele, as vagas do PEC-G para Música foram canceladas.

Ao contrário das vagas do PEC-G para a graduação em Música, em que, segundo Alejandro, um caso malsucedido incentivou o cancelamento das vagas na área, na PUC-RJ, a rede de estudantes peruanos alcançou um nível de institucionalização que garante o constante ingresso de novos alunos. Mas, Douglas, que está na PUC-RJ há 10 anos, lembra que houve períodos em que chegaram mais peruanos do que agora. Em 2003, junto com ele, chegaram cerca

de 10 peruanos. Nos semestres subsequentes, ele percebeu que esse número começou a crescer, a ponto de chegar à quantia de 30 peruanos novos chegando a cada semestre. Nos anos de 2006 e 2007, esse número começou a diminuir.

Douglas analisa que esta diminuição do número de peruanos ingressando nos programas de pós-graduação em Engenharia da PUC-RJ se deve ao fato de que, desde 2005, o Peru ter passado por uma retomada da expansão da mineração. Alguns peruanos que estavam estudando no Brasil viram nessa atividade a possibilidade de voltar para o país para trabalhar e receber um salário de profissional, muito mais alto que uma bolsa de mestrado ou doutorado. Ele pondera que um ou dois casos de peruanos que abandonaram a pós-graduação fizeram com que os programas da PUC-RJ realizassem uma seleção mais rigorosa de estrangeiros, diminuíssem o número de peruanos aceitos e abrissem vagas para estudantes latino-americanos de outros países, como a Colômbia.

Douglas e Alejandro nos mostram como as redes que viabilizam a vinda de estudantes peruanos para o Brasil são influenciadas por uma complexa gama de fatores que podem garantir a consolidação do fluxo ou comprometer a sua manutenção. No caso do curso de Música, as vagas do PEC-G poderiam ter sido mantidas se fosse organizada uma maneira de avaliar os conhecimentos prévios dos candidatos estrangeiros assim como acontece com os candidatos brasileiros que concorrem à vaga de pós-graduação em Informática e Física, que realizam no Peru um exame igual ao realizado pelos brasileiros. Tal medida garantiria que os estudantes estrangeiros entrassem na graduação em Música com a mesma preparação que os brasileiros. Esta medida exigiria, tanto por parte do PEC-G quanto das universidades, um maior planejamento e controle sobre as vagas oferecidas e sobre a seleção dos candidatos. O cancelamento das vagas em Música para os alunos PEC-G parece indicar que não houve um interesse nesse sentido.

Por outro lado, no caso dos estudantes da PUC-RJ, se no período em que o Peru atravessava profundas dificuldades econômicas estudar no Brasil foi uma saída para escapar de baixos salários ou do desemprego, numa fase de crescimento econômico no país, estudar no Brasil se torna uma alternativa dentre várias: para alguns, vale a pena continuar no Brasil, porém para outros não. Para os últimos, trabalhar recebendo uma alta remuneração vale mais a pena que passar anos estudando, recebendo uma bolsa com a qual não consegue pagar senão o mínimo para sua subsistência.

Assim, as novas oportunidades de trabalho no Peru fazem os estudantes reavaliarem seus projetos e, aqueles que abandonam os programas de pós-graduação podem interferir negativamente na oferta de vagas para novos alunos peruanos. Mesmo assim, as redes de informação e contato entre os peruanos que estudam no Brasil e os futuros estudantes que ainda estão no Peru alcançaram um nível de institucionalização que se consolidou a ponto de já não depender exclusivamente de alguns poucos indivíduos. Um exemplo disso é que atualmente, na PUC-RJ há alunos que, mesmo sem ter amigos na instituição, entram em contato com os programas, se candidatam à seleção e são aprovados, como Emiliano, o único estudante que eu conheci na PUC-RJ que se formou numa universidade particular.

#### **2.5.4 A "Geração de 96"**

A constante chegada de novos alunos peruanos ao Rio de Janeiro contribui não apenas para a circulação de informação sobre as oportunidades de estudos no Brasil, mas também possibilita que os recém-chegados dispõem da ajuda dos mais antigos, seja para encontrar um lugar para morar, aprender Português ou compreender como brasileiros se relacionam. Quando chegam ao Brasil, os estudantes terão nas suas redes de relações- construídas no Peru ou aqui- a principal base de sustentação e de adaptação à vida no Rio de Janeiro. Eles descobrirão que não há um apoio institucional que os orientem neste processo<sup>30</sup> e, por isso, serão os peruanos, brasileiros e estrangeiros que auxiliarão sua vida cotidiana no Rio de Janeiro.

Quando recebeu a notícia que tinha sido selecionado para estudar no Rio, Enrique pegou o telefone dos outros jovens também aprovados no PEC e ligou para todos que vinham para o Rio, checando se alguém tinha interesse de viajar do Peru ao Rio de ônibus com ele. Enrique queria aproveitar a oportunidade de sair do Peru para conhecer outros países da região. Ninguém aceitou seu convite, a

---

<sup>30</sup> A recepção dos estudantes peruanos no Brasil em muito se contrasta com a que eu recebi nos EUA. Eu fui premiada com uma bolsa da CAPES para participar de um programa de graduação sanduíche. A UENF assumiu a responsabilidade de solicitar à embaixada americana meu visto de estudante. A coordenadora do programa nos EUA se encarregou de me receptionar no aeroporto, encontrar um lugar para morar e me ensinar a me localizar no campus da universidade, que contava com um escritório exclusivo para atender os estudantes estrangeiros. Periodicamente, a universidade organizava encontros para reunir os estudantes estrangeiros recém-chegados como forma de fazermos amizade uns com os outros.

não ser dois aprovados: um deles era Virgilio. Ele e Enrique chegaram no Rio no segundo semestre de 1996. Até hoje os dois moram no Rio e são amigos.

Quando Enrique e Virgilio chegaram, eles não conheciam ninguém na cidade. O único contato que eles tinham era o de Luis Fernando. Apesar de conhecê-lo não pessoalmente, Enrique conseguiu o contato dele porque ambos são de Tacna, cidade no sul do Peru. Quando a mãe de Enrique soube que o filho iria para o Rio, perguntou para a mãe de Luis Fernando se ele não poderia hospedá-lo por alguns dias. Foi assim que Luis Fernando se tornou a primeira referência de Enrique- e Virgilio- no Rio de Janeiro. Além deles, outros peruanos também chegaram a morar no mesmo apartamento naquela época. O apartamento "foi uma das primeiras colônias peruanas... primeiro consulado peruano! Era um lugar onde viviam 5 ou 6 pessoas, mas dormiam 15", se recorda Enrique<sup>31</sup>.

Rubén se recorda que chegou um grupo de cerca de 15 peruanos em 1996, todos com idade entre 17 e 22 anos, para fazer graduação no Rio de Janeiro. Eles se tornaram amigos e sempre se encontravam no apartamento de Luiz Fernando para "*beber e chorar as penas*", ao som de música *criolla* e *huayno*. Andrés, que imigrou para o Brasil no início dos anos 90, também costumava frequentar o apartamento dos estudantes. Ele trabalhava como vendedor ambulante de artesanato na praia de Copacabana e no final de semana se reunia com os estudantes para cantar e beber. Um dos estudantes tinha um *cajón*, que Virgilio tocava. Andrés acompanhava tocando as panelas como se fosse um bongô.

O grupo de estudantes vindos para o Rio de Janeiro em 1996 teve uma importância sem precedente para a construção de uma rede de relações de peruanos na cidade. Um número considerável de peruanos estavam na cidade, todos com a mesma motivação: estudar. E depois de formados, muitos deles continuaram na cidade e até hoje mantêm os laços de amizade. Apesar das diferenças sociais, políticas, econômicas, geográficas e individuais, todos compartilham da experiência de ter estudado no Brasil e aqui, não ter se fechado a um círculo exclusivamente de estudantes peruanos, mas se relacionavam também com peruanos que estavam no Rio de Janeiro como trabalhadores, brasileiros e outros estrangeiros. Enrique, por exemplo, depois de passar seus primeiros dias no

---

<sup>31</sup> "fue una de las primeras colonias peruanas... primeiro consulado peruano! Era un lugar donde vivían 5 o 6 personas, pero dormían 15".

apartamento de Luis Fernando, foi morar com brasileiros que tinham vindo de Petrópolis estudar na capital do estado.

No Rio de Janeiro, os estudantes tiveram que se adaptar a uma cidade onde ainda não existiam espaços e eventos peruanos consolidados, como um restaurante, campeonatos de futebol ou festas que tocassem músicas em espanhol. A experiência de deixar o país, a família e os amigos no Peru tão jovens marcou profundamente suas vidas e possibilitou a construção de laços de amizade e afinidade entre eles a ponto de, até hoje, se reunirem para conversar e se divertir juntos. Hoje, muitos deles tem filhos brasileiros, são casados com brasileiras e se identificam concomitantemente com o Brasil e o Peru.

### **2.5.5 A repercussão da "Geração de 96"**

Um caso que ilustra a capacidade de articulação das redes ao redor da mobilidade estudantil é o de Renato. Ele veio para o Rio de Janeiro acompanhando a irmã mais velha. Ambos são de Cusco e um amigo da cidade comentou que conhecia alguns peruanos que estudaram no Rio de Janeiro. O amigo falou que era um muito fácil conseguir bolsa para uma universidade brasileira e perguntou se a irmã de Renato não quer vir. Ela achou ótima a ideia de vir para o Brasil e animou seu irmão para acompanhá-la. Como seus pais não queriam que ela, como mulher, saísse do país sozinha, Renato veio junto, em 2005.

Os amigos que moravam no Rio de Janeiro a quem o amigo da irmã de Renato se referiu eram Enrique e Lorenzo. Apesar de nunca terem tido nenhum contato antes, Enrique, Lorenzo e seus amigos peruanos que participaram do PEC-G no final dos anos 1990, foram as referências que fizeram Renato e a irmã tomarem a decisão de estudar no Brasil.

O que Renato não imaginou é que sua participação no PEC-G seria tão difícil. Ao contrário de como foi em 1996, em que todos os bolsistas PEC-G comentam que o processo seletivo foi simples, para Renato o processo foi difícil e, no final, ele foi reprovado. Quando ele tentou a seleção, já eram exigidos conhecimentos de língua portuguesa. Por isso, em 2005, Renato veio para o Brasil estudar português por 6 meses. Quando voltou, ele fez sua inscrição no processo

seletivo do PEC-G, entregou todos os documentos exigidos e fez a prova de português, na qual teve um resultado maior do que o exigido pelo programa. Mesmo assim, Renato teve sua candidatura recusada, sob a alegação que o programa estava privilegiando peruanos mais velhos.

Rubén, que fez parte do que Enrique chama de “geração de 96”, comenta com o amigo Renato que havia na sua época muitos alunos peruanos que vinham, mas desistiam. Como os estudantes chegavam muito jovens, sem falar português e sem nenhum respaldo no Brasil, muitos não se adaptavam à universidade ou à vida no Rio. Rubén acha que esse é um motivo que fez com que a Embaixada brasileira exija o exame de proficiência em português e opte agora por aprovar alunos mais velhos, mesmo que isto não esteja claramente expresso no edital de seleção.

Contudo, a reprovação da candidatura à bolsa PEC-G não impediu que Renato colocasse em prática o projeto que ele e a irmã tinham construído de sair do Peru. Irritado com o resultado mas convicto de que ia estudar no Brasil, Renato voltou ao Rio de Janeiro em 2006 e depois de passar um ano fazendo um curso pré-vestibular, ingressou no curso de Direito da UERJ. Ele se recusou a ter seu projeto boicotado pelos princípios não explícitos que a comissão de seleção do PEC-G estabeleceu e, por isso, assumiu para si a responsabilidade de ingressar na universidade da mesma forma que os brasileiros, através do vestibular.

Casos como os de Renato, Alejandro, Enrique e dos demais informantes mostram a profunda relevância que os indivíduos, suas ações e relações assumem no processo de deslocamento que fundamenta sua experiência migratória. Entretanto, O papel que os indivíduos desempenham nos deslocamentos não é uma novidade que emerge com a expansão de novas modalidades de deslocamentos que a globalização possibilita. Seyferth (2011) nos lembra magistralmente que, no século XIX, a colonização alemã no Vale do Itajaí- Santa Catarina teve seu embrião gestado nas conversas de Hermann Blumenau com o cônsul do Brasil na Alemanha. Blumenau confidenciava com o cônsul brasileiro seu desejo de construir uma comunidade de alemães no exterior. Se Blumenau não tivesse uma relação com o cônsul do Brasil que permitisse contar para a ele seus planos de colonização, talvez ele tivesse enfrentado mais dificuldade de implementar seu projeto experimental no Brasil. Este exemplo ilustra que mesmo projetos e programa que se institucionalizam e se tornam parte da política oficial

de Estado tem a participação de indivíduos de carne e osso, que agem de acordo com suas expectativas, anseios e condições.